

LITERATURA INFANTIL ANGOLANA E CONSTRUÇÃO NACIONAL NO SÉCULO XXI

Rebeca Carballo Coello

Grao en Linguas e Literatura Modernas: Portugués

Traballo de Fin de Grao (ano académico 2017-2018) dirixido por
Maria Felisa Rodríguez Prado

Liña temática: Cultura e Literaturas Lusófonas

Xullo 2018

Formulario de delimitación de título
Traballo de Fin de Grao curso 2016/2017

APELIDOS E NOME:	CARBALLO COELLO REBECA
GRAO EN:	LINGUA E LITERATURA MODERNAS
(NO CASO DE MODERNAS) ITINERARIO EN:	LITERATURAS LUSÓFONAS
TITOR/A:	MARÍA FELISA RODRÍGUEZ PRADO
LIÑA TEMÁTICA ASIGNADA:	CULTURA E LITERATURAS LUSÓFONAS

Tendo en conta a liña temática que me foi asignada, SOLICITO que o meu TFG leve por título o que indico a continuación:

Título: LITERATURA INFANTIL ANGOLANA E CONSTRUÇÃO NACIONAL NO SÉCULO XXI

Resumo [na lingua na que se vai redactar o TFG; entre 1000 e 2000 caracteres]

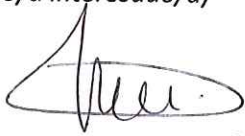
O traballo que se presenta pretende estudar em que medida o desenvolvemento da literatura de Angola do século actual continua atrelado a um projeto de construção nacional, e tenciona fazê-lo através da focalização de produtos literários angolanos destinados a público infantil.

Para isso, partirá da identificação dos chamados pioneiros desta literatura infantojuvenil e do papel que a esta produção foi atribuído, nomeadamente após a independência do país, no processo de construção da identidade nacional.

A seguir, o foco será colocado nos últimos dezasseis anos, considerando de modo especial os possíveis impactos dos marcos de 2002, com o acordo de paz, e 2012, que assinala uma década de estabilidade e coincide com o início das atividades do Gabinete de Revitalização e Execução da Comunicação Institucional e Marketing da Administração (GRECIMA). O GRECIMA é o responsável pelo projeto governamental -em curso- Amo Angola, destinado à promoção da "marca Angola" interna e internacionalmente, mas também formulado como "programa de educação patriótica"; uma das suas três vertentes é literária e toma diversas formas, entre as quais a de coleções de Clássicos da Literatura Nacional, em que se insere a primeira coletânea de 11 Clássicos Infantis, lançada em novembro de 2015.

Santiago de Compostela, 27 de outubro de 2016.

(sinatura do/a interesado/a)



Aprobada a prórroga do TFG pola Comisión de Títulos de Grao con data 17/10/2017



Visto e prace

(sinatura do/a titor/a)



SRA. DECANA DA FACULTADE DE FILOLOXÍA

ÍNDICE

RESUMO.....	2
1. INTRODUÇÃO.....	3
2. IDENTIDADE NACIONAL E ANGOLANIDADE NA CONSTRUÇÃO NACIONAL. QUE ANGOLANIDADE? QUE LINGUA?	5
3. A LITERATURA NA CONSTRUÇÃO NACIONAL DE ANGOLA.....	8
4. O SISTEMA LITERÁRIO EM ANGOLA	13
5. DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA INFANTIL PÓS-INDEPENDÊNCIA.....	15
6. A LITERATURA INFANTIL NO SÉCULO XXI	19
7. 11 CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL ANGOLANA	24
<i>...E nas Florestas os Bichos Falaram...</i> , Maria Eugénia Neto.....	27
<i>O País das Mil Cores</i> , Octaviano Correia.....	29
<i>Lutchila</i> , Rosalina Pombal	30
<i>Kibala, o Rei Leão</i> , Gabriela Antunes	31
<i>A Árvore dos Gingongos</i> , Maria Celestina Fernandes	32
<i>Duas Histórias</i> , Zaida Dáskalos	33
<i>As Sete Vidas de um Gato</i> , Dario de Melo	35
<i>A Velha Sanga Partida</i> , Cremilda de Lima	36
<i>Fábulas de Sanji</i> , António Jacinto	37
<i>O círculo de Giz de Bombô</i> , Henrique Guerra.	40
<i>A Viagem das Folhas do Caderno</i> , Maria João	43
CONCLUSÕES	44
REFERÊNCIAS	45

ANEXO

- I. QUADRO SINÓPTICO DA HISTÓRIA DE ANGOLA A PARTIR DA ÉPOCA COLONIAL
- II QUEM É QUEM? APRESENTAÇÃO DOS AUTORES NA COLEÇÃO *11 CLÁSSICOS INFANTIS*
- III. ANÁLISE E RESUMOS COMPLETOS DOS CONTOS INCLUÍDOS NA COLEÇÃO *11 CLÁSSICOS INFANTIS*

RESUMO

O trabalho que se apresenta pretende estudar em que medida o desenvolvimento da literatura de Angola do século atual segue ou não atrelado a um projeto de construção nacional, e tenciona fazê-lo através da focalização de produtos literários angolanos destinados a público infantil.

Para isso, partirá da identificação dos chamados pioneiros desta literatura infantojuvenil e do papel que a esta produção foi atribuído, particularmente após a independência do país, no processo de construção da identidade nacional.

A seguir, o foco será colocado nos últimos dezasseis anos, considerando de modo especial os possíveis impactos dos marcos de 2002, com o acordo de paz, e 2012, que assinala uma década de estabilidade e coincide com o início das atividades do Gabinete de Revitalização e Execução da Comunicação Institucional e Marketing da Administração (GRECIMA).

O GRECIMA é o responsável pelo projeto governamental –em curso– Amo Angola, destinado à promoção da “marca Angola” interna e internacionalmente, mas também formulado como “programa de educação patriótica”; uma das suas três vertentes é literária e toma diversas formas, entre as quais a de coleções de Clássicos da Literatura Nacional, em que se insere a primeira coletânea *11 Clássicos Infantis*, lançada em novembro de 2015.

1. INTRODUÇÃO

A construção de uma nação é o processo de estruturação de um país forjando uma identidade nacional comum através do poder do Estado. O seu objetivo principal é unificar todas as pessoas, de um ou vários povos ou etnias, dentro do Estado para que este seja factível e se mantenha politicamente estável e unido no presente e no futuro.

Para compreendermos o percurso da construção nacional em Angola (que implica uma importante tarefa de criação identitária, entre outras) e a sua relação com a literatura, temos de começar por mostrar um breve percurso histórico que ajudará a entender muitas das questões que apareceram ao longo do trabalho que se apresenta.

A guerra, a violência nas lutas de poder e a instabilidade marcaram a fundação de Angola como estado independente. Ela foi a última colónia portuguesa em atingir a independência, que logrou após 14 anos de luta contra o colonialismo português e, antes de os portugueses cederem formalmente o governo em 11 de novembro de 1975, estalou uma guerra civil entre o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), o FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), os principais partidos formados no país, que na prática ia durar quase 30 anos.

Quem pronunciou o discurso de proclamação do novo estado foi o primeiro presidente da República, António Agostinho Neto: “Às 0 horas do dia 11 de novembro de 1975, sob o olhar silencioso de Lénine, o Bureau Político do MPLA proclama solenemente perante a África e o mundo a República Popular de Angola”. A data em que se atingiu a independência, um 11 de novembro, terá muito simbolismo no mundo literário que se ia criar a partir desse momento. É igualmente salientável que Agostinho Neto, além de médico, tivesse sido escritor.

A guerra civil começou já em 1875. Em 1991 o MPLA e a UNITA assinaram um tratado de paz que colocava uma nova ordem e que fixava a celebração de umas eleições no ano seguinte que perdeu a UNITA. Este partido não aceitou a derrota e voltou-se à guerra civil. Um outro tratado foi assinado em 1994, sob o controlo de Nações Unidas, mas foi um cessamento de fogo relativo, porque embora a capital estivesse tranquila, no resto do país a violência prosseguia. Em 1998 estalou de novo a guerra civil total até 2002, ano em que morreu o líder da UNITA e os líderes rebeldes assinaram o cessamento de fogo definitivo com o governo. Será o MPLA o partido que vai governar Angola até à atualidade.

É a partir deste ano, 2002, que podemos falar duma relativa tranquilidade e normalidade na construção nacional angolana. Assim, no século XXI, nascem diferentes organismos relacionados com a cultura e a “marca Angola” que vão pôr em marcha iniciativas interessantes. Consideramos a formação do Gabinete de Revitalização e Execução da Comunicação Institucional e Marketing da Administração (GRECIMA) em 2012, um aspeto fundamental no desenvolvimento do projeto político de “educação patriótica” do século XXI em que está englobada, entre outros, a literatura. Esta instituição vai ser a responsável pela publicação em 2015 da coletânea focalizada no trabalho (*11 Clássicos Infantis*) e vai ser extinta em 2017.

Como veremos, o papel da cultura, concretamente da literatura, é inerente à revolução desde os inícios e tem um carácter marcadamente político. Os alicerces da preocupação literária no país são colocados já por um grupo de intelectuais angolanos na década de 50 em que predomina a afirmação dos valores “nacionais”, formal e tematicamente, como resposta à negação sistemática dos valores do povo angolano pelo colonialismo.

A seguir, veremos como evoluciona esta preocupação política com a literatura até a atualidade, revisaremos os organismos e atividades criadas e abordaremos as fragilidades que apresenta o desenvolvimento do sistema literário angolano. Centraremos a questão na literatura infantil fazendo um pequeno percurso cronológico apresentando o seu desenvolvimento e colocando o foco na coleção selecionada de onze clássicos. Analisaremos também as iniciativas postas em marcha e os produtos produzidos. Para tal, reconsideraremos as estratégias e as decisões tomadas pelo Estado nessa construção da identidade comum que engloba a escolha de um tipo de angolanidade e, assim mesmo, de uma língua de comunicação.

Quanto a períodos de tempo, além de tratar o período que vai de 1975 (ano da independência) até fins do século XX, o foco temporal avaliado no trabalho que se apresenta é o intervalo de 2000 a 2015, ano de publicação da coleção *11 Clássicos Infantis*.

2. IDENTIDADE NACIONAL E ANGOLANIDADE NA CONSTRUÇÃO NACIONAL. QUE ANGOLANIDADE? QUE LINGUA?

Ademais de uma história comum e um fim partilhado, uma das tarefas que tem de enfrentar um país na sua construção como estado independente é a de articular a/uma identidade comum entre a população que quer representar, especialmente se essa população se integra em comunidades muito diferentes no nível linguístico, social e cultural. A criação identitária no caso dos estados africanos, divididos aleatoriamente na conferência de Berlim (1884-1885) pelas potências coloniais, não é um exercício fácil porque estes territórios apresentam tal diversidade étnica que muitas vezes faz com que unificar a população sob uma identidade única se torne muito difícil.

No caso de Angola, estado multiétnico de 1.246.700 km² cujos limites fronteiriços não coincidem com as fronteiras étnicas, existiam inúmeras identidades patrimoniais. O poder político apostou desde a independência do país por elaborar essa identidade nacional angolana comum e para isso criou elementos simbólicos como a bandeira, o hino nacional, monumentos, *slogans*, até elementos materiais como instituições ou a própria constituição. A unicidade do estado, do ponto de vista político, foi e é vista como um dos instrumentos estratégicos fundamentais tendo em conta que em África as diferenças étnicas são fator de conflito.

Quanto ao estado da questão da construção nacional, estudiosos e políticos angolanos dissentem num ponto-chave: existe ou não atualmente uma nação em Angola? Muito sucintamente, expomos que coexistem três correntes que sustentam pontos de vista diferentes (CAFUSSA, 2015): a primeira, representada pelo primeiro presidente da República, Agostinho Neto, contempla que Angola está constituída por várias nações que se fundem numa única; a segunda, defendida por Paulo de Carvalho, justifica que não existe ainda uma nação angolana, porque não se deteta um sentimento de consciência nacional ou porque está despojada de uma cultura angolana assente num substrato sociocultural bem como num sistema de referências sociais; a terceira, representada por Víctor Kajibanga, propõe que a nação angolana é um projeto nacional do Estado que está atualmente em processo de construção e de afirmação.

Em relação à construção da identidade angolana, o facto de que as diferentes identidades patrimoniais originais do território tenham convivido e participado em dinâmicas interessantes com as outras identidades que vieram de fora, conformando assim um panorama complexo, derivou, do ponto de vista histórico-político, em três propostas de *angolanidade* (“idealização ou tentativa de teorização sobre o Estado-nação angolano”, CIPRIANO, 2013) que continuam a dialogar, embora seja uma adotada, inicialmente, pelo Estado. Seguindo a nomenclatura de CIPRIANO (2013), e de maneira muito breve, explicamos a continuação:

- Angolanidade apriorística: nesta corrente destaca-se o que foi o primeiro presidente da República, Agostinho Neto (MPLA), que considera que o povo angolano está acima das etnias e constitui uma só nação e um só povo que abre espaço para africanos, europeus e angolanos viverem em conjunto.

- Angolanidade rizomática: esta corrente está muito energicamente sustentada pela FNLA e UNITA. Sustém que a construção do Estado-nação tem de partir das raízes culturais africanas e buscar a independência total, a cultural incluída. Nesta posição, o angolano de fora ou euroangolano teria as portas abertas mas ficaria secundarizado.
- Angolanidade aposteriorística: neste caso são todos os outros partidos os que se adscrevem a esta corrente que tem a ver com a democratização do mundo consoante o modelo americano. Neste modelo de angolanidade, considerado neocapitalista por muitos, qualquer um pode conquistar livremente o seu espaço. É também denominada angolanidade económica/financeira.

O projeto de Angola e a definição de angolanidade que se superpus foi durante muito tempo o do MPLA, nomeadamente no âmbito cultural que inclui o literário, embora o modelo aposteriorístico esteja implantado atualmente no plano económico e culturalmente comece a se integrar.

Dado que se pretendia evitar qualquer tipo de fragmentação entre os angolanos, é fundamental a tomada de consciência de que qualquer pessoa de qualquer grupo étnico é, por cima de tudo, angolano, apesar das diferenças. Para isto, as estratégias mais destacáveis implementadas foram a construção de um passado comum que inclui a luta contra o mesmo adversário, a escolha de uma mesma língua de uso e a articulação de um destino comum partilhado para todos fazerem parte da Nação Angolana.

Os centros de produção da identidade nacional foram no caso angolano as forças armadas, o sistema educativo (especialmente durante a República socialista) e as administrações públicas.

Neste cometido, e na teima constante de evitar quebras, produziu-se uma memória histórica oficial: a identificação de um passado comum a todas as comunidades que compunham a nação. Neste caso, ressalta-se constantemente o surgimento de um povo marcado pela opressão ao colonialismo e sofredor do autoritarismo português que sempre resistiu e permaneceu unido sendo múltiplo na sua composição sociocultural. Alienado da sua autonomia no passado, colocou-se o foco no futuro para levantar uma nação independente e um novo angolano.

Um outro elemento fundamental na construção da angolanidade foi o da língua. Num país em que a diversidade linguística é uma fonte de instabilidade e de confrontações, a existência de uma língua supraétnica aparece como um elemento chave de aglutinação da nação.

O debate arredor da língua que devia ser a oficial existiu, mas foi a postura do MPLA a que se estabeleceu: apropriação da língua do colonizador, que se instaurou como língua oficial de comunicação, e reconhecimento como línguas nacionais doutros

idiomas de matriz africana¹. Não houve nem há combate contra a língua portuguesa como língua oficial de comunicação, embora a língua continue a ser uma discussão habitual em relação a dois pontos. Primeiro, à perda das culturas linguísticas territoriais como consequência das políticas de assimilação. Nesta questão há disparidades entre o meio rural e o urbano, e entre gerações: o português é a língua adotada pelos jovens nos núcleos urbanos, mas não a das gerações mais velhas, deslocados de zonas rurais, que mantêm as suas línguas maternas. No rural das províncias, a presença das diferentes línguas nacionais é mais frisada, por tanto, o debate em relação às políticas linguísticas no nível do ensino oficial ou no nível literário quanto à edição de obras em diferentes línguas é permanente. A Lei de Bases do Sistema de Educação, aprovada em 2001, prevê o ensino das línguas nacionais. Não obstante, não é até 2007 que se inicia um projeto experimental para implementar gradualmente as línguas nacionais no sistema de ensino em núcleos das províncias que estão ligadas às línguas nacionais. Segundo, sim foi discutida a questão de que português utilizar, especialmente na literatura destinada a crianças: o padrão português ou o coloquial de Angola com os angolanismos que o caracterizam.

A escolha do português como língua oficial considerou-se justa, por um lado, porque em nenhuma das comunidades étnicas o português era a sua língua original; por outro lado, porque o português de Angola (denominado língua angolana por muitos) era sentido já como próprio se termos em conta que esse português chegado da metrópole se angolanizou. Como apontou Silva Rego (JORGE, 2006), “a língua nacional, adaptando-se a todas as latitudes, tomou novas ressonâncias, vergou-se a quase todas as exigências, perdeu consoantes, abriu vogais, imitou novos sons, empobreceu, enriqueceu... para o bem da humanidade”.

O português é portanto a língua de unidade nacional porque, além de tornar a mensagem comum para todos, é apresentado acima de tudo como um ganho da história comum. Como escreveu Luandino Vieira, em 1967, no seu romance *Nós, os do Makulusu*, o português é um “troféu de guerra”.

No que tem a ver com a representação da cultura, selecionou-se no nível discursivo aspetos de todos os povos angolanos para fixar essa cultura nacional. A procura de um aspeto de pluralidade na confeção da identidade nacional é uma constante e a literatura vai ser considerada como um médio para modelar e divulgar essa identidade.

Em termos literários também, temos de ter em conta que os países africanos têm uma grande riqueza em literatura oral e que existe o costume de os mais velhos contarem contos tradicionais às crianças e jovens para entreter, instruir e mesmo “fazer esquecer” (MARTINHO, 1999). Estas narrativas envolvem os seus antepassados, tradições, lendas, costumes, personagens e mitos, e vão ser estimuladas por essa angolanidade institucional. Este tipo de literatura vai deixar uma funda pegada na produção literária pós-independência até a atualidade, nomeadamente na literatura infantil que recria esse mundo de fábulas.

¹ O português era a língua oficial de Angola no momento da independência, mas contava também com várias línguas nacionais (umbundu, kimbundo, kikongo, fiote, n’ganguela, nhaneka, muhumbi, tchokwe, kwanhama), e umas 87 línguas autóctones (COSTA, 2016).

3. A LITERATURA NA CONSTRUÇÃO NACIONAL DE ANGOLA

Se algo chama a atenção no projeto de construção de Angola é o *status* que a cultura, e notadamente a literatura, tem no processo, por causa da importância que o aparato institucional do MPLA lhe outorga desde os inícios, como veremos a seguir. Foi através da cultura que se produziu a mobilização contra as agressões estrangeiras inerentes ao colonialismo. A literatura converteu-se, juntamente com outras manifestações culturais como a música, o teatro ou o jornalismo, numa estratégia muito eficaz de combate contra o colonialismo porque sugeria orientações para uma ideia de nação, buscando fraguar os elementos que iam constituir a identidade nacional. O apoderamento do país fez-se a partir da palavra e da narrativa num processo em que o indivíduo político, o guerrilheiro, o intelectual e o escritor avançavam indissociáveis.

Num momento anterior à independência, concretamente em 1948, formou-se um movimento cultural de jovens intelectuais animados por um apelo nacionalista. O seu lema “Vamos descobrir Angola” representava uma consciência cultural ligada à terra em contraposição aos valores culturais portugueses impostos que negavam o próprio. Esta nova consciência cultural ampara uma mensagem social que favorece a literatura nacional e social. Neste movimento participam, entre outros, Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto ou Viriato da Cruz. Em prejuízo da produção portuguesa predominante, a partir daquele momento a arte tinha de ser feita por angolanos e para angolanos.

Assistiu-se deste modo, nas décadas de 50 e 60, a um projeto literário que tinha um caráter eminentemente político, em que predominava a afirmação dos valores nacionais no plano formal e na temática das obras. Para eles a luta armada de libertação nacional “é um facto cultural, senão um instrumento de cultura” (JORGE, 2006). A produção destes grupos redefinia e dava valor às características nacionais, à resistência ideológica, à figura do angolano comum e reconstruía uma linguagem própria que formalmente se rende à oratura tradicional, que recupera o kimbundo e o coloca do lado do português.

A literatura nacional angolana funda-se, então, a partir de um projeto político e, conquistada a independência, esses valores vão ser reafirmados e os movimentos culturais utilizados para fortalecer as lutas políticas.

No começo da existência de Angola como país independente, e continuando com a tradição da resistência cultural armada, a cultura angolana e a literatura tiveram um papel muito destacado no processo, agora real, de construção nacional. Papel destacadíssimo foi também o do seu primeiro presidente, Agostinho Neto, que já tinha participado nos movimentos culturais da etapa anterior. Tenhamos em conta que a primeira forma de governo foi a de República Popular, um regime socialista-comunista que, como tal, visou a formação e educação da população e que neste caso conseguiu que a literatura e o livro, muito estimulado no momento, fossem objetos de desejo.

Apenas um mês depois da proclamação da independência, a União de Escritores Angolanos (UEA) foi criada e a sua constituição assinada por trinta e dois escritores.

Descrescia-se como uma entidade de utilidade pública e foi o articulador editorial principal nesta época. Os objetivos principais que se fixou foram salvaguardar e promover a cultura angolana como património da nação e impulsionar a criação literária dos seus membros criando condições favoráveis para escreverem e difundirem as suas obras (ERVEDOSA, 1985). O primeiro presidente de Angola foi também o primeiro presidente da associação. Este, no discurso pronunciado na tomada de posse, abordou a dimensão cultural do país e ofereceu umas propostas para enfrentar o tratamento da cultura, especificamente da literatura (apud FERNANDES, 2008):

“A literatura, na Angola independente e caminhando para uma forma superior de organização social – o Socialismo- tem de, necessariamente, refletir esta nova situação”.

“No passado, a nossa literatura mergulhou profundamente na cultura europeia –era mesmo uma parte da literatura da Europa- cujas correntes foram seguidas e uma das suas línguas utilizadas como único meio de expressão...”.

“Hoje, a nossa cultura tem de ser refletida tal como ela é, sem deformações, sendo ela própria o motivador da literatura...”.

“Quero dizer que esta União de Escritores é chamada a desempenhar um papel importante na nossa Revolução...”.

“Espero que esta União de Escritores esteja ao serviço do nosso povo, ao serviço dos operários, dos camponeses que constituem as classes mais exploradas do nosso país”.

Por outro lado, a tarefa de alfabetização foi muito dinâmica durante o regime socialista que marcou os primeiros anos de independência. O sistema educativo colonial era manifestamente discriminatório para a maioria dos angolanos e calcula-se que a taxa geral de analfabetismo era de 85 % da população no momento da independência (VICTORINO, 2012).

Além da preocupação própria do governo, no lado civil havia interesse em conhecer a literatura angolana escrita por angolanos e mesmo pessoas analfabetas compravam obras confiadas em que em bem pouco tempo iam saber ler. De 1974 a 1978, mais de um milhão e meio de pessoas foram alfabetizadas (VICTORINO, 2012). Num cenário como este de independência e euforia revolucionária e literária abriram-se muitos horizontes e oportunidades e a produção literária começou a germinar.

Como apontamos, a UEA também teve uma grande atividade editorial e no início publicou obras em tiragens importantes: algumas reedições de autores que já tinham publicado na metrópole na era colonial e outras inéditas. Em relação com isto, é importante notar que se publicaram muitos originais que permaneciam nas gavetas, escritos por homens exilados e cativos em cárceres coloniais, ou por combatentes nas zonas de guerrilha que saíram do anonimato.

Dentro do aparato institucional criado no momento em relação à cultura, destaca o labor do Instituto Nacional Angolano do Livro e do Disco (INALD), reconvertido depois no Instituto Nacional das Industrias Culturais (INIC), vinculado com o Ministério de Cultura. O seu objetivo era, segundo o Diário da República (2006) “assegurar a coordenação e execução de uma política integrada do livro e do disco, promover a criação literária e artística e fomentar a criação de hábitos de leitura e a edição de obras de referência sem fins lucrativos”. Vai ser responsável também por vários prémios literários como o Sagrada Esperança, o António Jacinto ou o António Agostinho Neto.

Embora a teórica preocupação pelos poderes públicos em outorgar à cultura e à literatura um papel importante no país é clara, o certo é que já desde finais dos anos 80 o panorama literário mostra-se inquietante fundamentalmente pela perda de leitores, como veremos.

Continuando com as infraestruturas governamentais, no século XXI (que em Angola começou em 2002 com a assinatura do acordo de paz que punha fim a quase 30 anos de guerra civil) o governo angolano põe em marcha novas iniciativas que demonstram que o *status* da literatura continua a ser, uma prioridade nacional. Entre estas iniciativas destaca a criação do Gabinete de Revitalização e Execução da Comunicação Institucional e Marketing da Administração (GRECIMA), hoje desaparecido. O GRECIMA, criado em 2012 e desaparecido em 2017, tinha como missão, de acordo com a informação que oferecia o seu *site* “dinamizar o apoio técnico ao Presidente da República de Angola na coordenação e implementação das linhas político-estratégicas relativas à comunicação institucional e marketing da República de Angola e do Executivo, a nível interno e externo”. O gabinete, administrativa, financeira e patrimonialmente tinha autonomia e dependia do Presidente da República. No desenvolvimento das funções que lhe foram atribuídas, desenvolveu várias iniciativas e programas destinados a salientar e difundir “a nova Angola em paz e desenvolvimento participado”. Entre os empreendimentos levados a cabo com o objetivo de promover nacional e internacionalmente a “marca Angola” se encontrava o programa Amo Angola que utilizava como frase promocional “Juntos na promoção da cultura, educação e patriotismo”. Dentro deste projeto macro englobavam-se uma série de subprojetos que visavam valorizar o património nacional em varias áreas, como a literatura, gastronomia, geografia, arquitetura, música, etc. Com respeito à literatura, o projeto intitulava-se Ler Angola e converteu-se num dos maiores projetos culturais da Angola pós-independente. No âmbito desta iniciativa foi elaborado também o Programa de Fomento do Livro e da Leitura, consubstanciado num conjunto de ações que visam estimular a leitura no país e incentivar a produção de obras literárias “que promovam a educação e o amor à pátria e contribuam para o resgate dos valores cívicos e morais”.



Logótipos do programa Amo Angola e do projeto Ler Angola.
Fonte: página oficial de Amo Angola em Facebook

Conforme numerosas informações localizadas em imprensa angolana, na prática o GRECIMA controlava indiretamente a partir da Presidência da República o setor da comunicação social. Inicialmente o Gabinete tinha como nome Grupo de Revitalização e Execução da Comunicação Institucional da Administração (GRECIA) e era coordenada pelo chefe da Casa Civil da Presidência, Carlos Feijó. O diretor executivo era Sérgio Valentim Neto, diretor executivo de Semba Comunicação, empresa privada que articulava a maior parte dos projetos do GRECIMA, incluído o Amo Angola. Praticamente desde os inícios, esta empresa foi suspeita de receber fundos públicos do estado angolano para produzir propaganda de massa e reforçar o domínio do MPLA e da sua elite, havendo mesmo acusações de que se dava cobertura a atos de espionagem contra opositores políticos através das redes sociais. A empresa era controlada por Welchitschia dos Santos e José Eduardo dos Santos, filhos do que tinha sido o presidente da República entre 1979 e 2017, José Eduardo dos Santos. Em agosto de 2017 teve lugar uma mudança presidencial e de política de gestos associada às mais recentes eleições que ganhou João Lourenço, também do MPLA. Este, no seu ideário manifesto de limpar a corrupção do anterior governo, fechou o GRECIMA e, em consequência, todas as suas atividades ficaram em suspenso.

Das iniciativas enquadradas no programa Ler Angola que o Gabinete levou a cabo destaca a edição anual de uma coleção de obras de referência (clássicos da literatura angolana), o desenvolvimento de um programa de incentivo à leitura e a atribuição de uma bolsa de criação literária.

A publicação de coleções de clássicos da literatura angolana é um fito histórico no país e tem uma importância chave na criação de uma cultura nacional. Até o momento publicaram quatro coleções: três intituladas *11 Clássicos da Literatura Angolana* (2013, 2014, 2015), uma centrada na literatura feita para crianças, intitulada *11 Clássicos Infantis* (2015), e uma outra de novos autores: *Novos Autores Angolanos* (2014). O facto de que se escolham 11 narrativas para as coleções não é casual e remete para a data em que se atingiu a independência, 11 de novembro. O preço de venda das obras é simbólico e custam 500 kz para favorecer a sua aquisição por parte da população que, como veremos, tem dificuldades para comprar livros.

Os critérios de seleção de obras para as coleções foram explicados pelos promotores nos meios de comunicação (apud FORTUNATO, 2013):

“A proposta colegial dos “Onze clássicos da Literatura angolana” teve como critérios de seleção três aspectos fundamentais: os aspectos estéticos e formais que tornam literário determinado texto, em termos de discurso, e a pertinência do tema, no plano da história. O segundo aspecto foi a importância simbólica de determinada obra na história da literatura angolana, exemplo: cinco anos após a instalação do prelo em Angola (1845) surgem os poemas do livro “Espontaneidades da minha alma. Às senhoras africanas”, de José da Silva Maia Ferreira, publicado em 1849, considerado o primeiro livro impresso em Angola. O terceiro e último aspecto considerado foi a referência reiterada pelo conjunto da crítica nacional e internacional de determinada obra”.

Como se apontou, uma outra iniciativa do programa Ler Angola vinculada com a promoção de novos autores, que escasseavam, foi a concessão de uma bolsa literária anual que visava principalmente ajudar autores com novas obras por lançar no mercado, sem que isto significasse um custo financeiro para o autor e assim apoiar o surgimento de novos escritores. Os autores que conseguem a bolsa mediante um concurso, apresentando uma obra, recebem 250.000 kz e o valor total das vendas da obra, que tem uma tiragem de 2.500 exemplares. A bolsa está dirigida a novos autores mas na prática pode-se candidatar qualquer pessoa maior de 16 anos, mesmo escritores conhecidos.

O papel das associações culturais e editoras desde a década de 90 também se tornou importante no país. Uma posição destacável ocupou a associação Chá de Caxinde que, fundada em 1989 mas com atividades editoriais a partir do XX, se converteu num símbolo da cultura angolana, nomeadamente luandesa, que se originou como resposta ao que consideravam um cenário de vazio cultural que impregnava a capital angolana nesse tempo. No que respeita à literatura, entre os objetivos deste grupo figuram a edição, produção e distribuição de livros e revistas para difundir os autores angolanos no país e no estrangeiro, e também para editar autores estrangeiros em Angola a preços acessíveis. Um outro propósito é o de estimular a leitura promovendo atividades voltadas para a valorização do livro, como a organização de festivais, mesas de debate, atos de lançamento de livros ou a organização de prémios literários. (MICAS, 2014).

4. O SISTEMA LITERÁRIO EM ANGOLA

A circulação do livro e as características do leitor angolano, além das práticas de produção, têm mudado muito desde os primeiros anos da independência até a atualidade. No caso de publicação de obras, a tendência é à baixa. Em 1975, uma época dourada para a literatura, há uma produção extraordinária, qualitativa e quantitativamente falando graças ao papel jogado pela União dos Escritores Angolanos e das instituições políticas. Nesta época, os livros fundamente estimulados na sociedade de então, eram muito acessíveis e desejados e podiam-se encontrar em numerosos espaços, desde livrarias a mercados ou quiosques (ÁLVARO, 2017).

Durante as quase três décadas de confrontos civis protagonizados pelos movimentos políticos que lutaram contra o colonialismo português, a UEA vai continuar ativa mas com uma vitalidade muito menor. Vai-se ir produzindo um certo desligamento da literatura e das instituições políticas, mais ocupadas noutros assuntos de estado, que fazem com que outras entidades como associações culturais tomem a iniciativa para defender a cultura angolana e a sua expansão. Entre estas associações que observam um panorama preocupante quanto à literatura e hábitos de leitura se refere, já se destacou Chá de Caxinde. Tem lugar, assim, uma certa desvinculação da literatura angolana com o poder político, que antes era muito marcada.

O principal problema a respeito do qual alertam os escritores e os escassos críticos literários do país é a perda de leitores. Se nos anos 70 a taxa de analfabetismo era de 85 % numa população de 5,6 milhões, em 2014 a taxa é do 30 % numa população de mais de quase 28 milhões (MICAS, 2014), uma diminuição muito significativa que mostra um paradoxo: lia-se mais ou adquiriam-se mais livros quando a taxa de analfabetismo era esmagadoramente maior. Se nos 70 o escritor era quase um herói e ocupava um espaço de prestígio social, no século XXI os leitores potenciais angolanos apresentam um fraco interesse pelos livros. Como indica ÁLVARO (2017), “O elevado índice de pobreza, a falta de acesso a condições mínimas de higiene e saúde, a incontrolada economia paralela como meio de sobrevivência para grande parte da população e a ausência de políticas sociais eficazes, entre outros fatores, deixam pouco espaço para o investimento e desenvolvimento de práticas de leitura suficientemente fortes que se traduzam na solidificação da instituição literária”.

A falta de subsídio das obras produziu que as obras se encarecessem e a aquisição de livros por parte da população com hábito leitor torna-se dificultosa. A situação apresenta-se mais problemática se o leitor potencial é de zona rural, porque o sistema de distribuição é muito débil (PATISSA, 2016). Do ponto de vista do leitor, a modo de exemplo em relação à dificuldade de adquirir livros, o valor médio de um livro numa editora como Chá de Caxinde é de 2.000 kz. Segundo o setor económico, em Angola o salário mínimo varia entre 15.000 – 20.000 kz, o que quer dizer que um livro implica 10 % do salário (MICAS, 2014). Tenhamos em conta também que Angola, junto com Moçambique, tem a população mais jovem entre os países lusófonos: em 2017, 47 % dos quase 28 milhões de habitantes do país encontravam-se na faixa etária de 0-14 anos (AGÊNCIA LUSA, 2017).

Do ponto de vista dos editores angolanos, publicar livros sai muito caro e não é um bom negócio porque o material básico para a impressão, o papel, é importado. É por isto que os autores mais conhecidos continuam a publicar fora do país por ser mais fácil e barato do que no próprio país. Da ótica dos escritores passa-se o mesmo. Numa entrevista a Yola Castro em 2018 (GANGA, 2018), ante a pergunta de se é caro editar, diz: “em 2012 a edição de mil exemplares custava sete mil dólares. Nas vezes em que editei um livro, não vi o retorno dos valores, pois editamos por amor”.

Outro fenómeno que atrasa o desenvolvimento do mercado editorial local é a entrada de editoras estrangeiras em território angolano (Porto Editora e Leya) que aglomeram editoras nacionais e acabam por monopolizar as edições (ÁLVARO, 2017).

Editores, escritores e críticos coincidem também em afirmar que são necessárias mais políticas públicas de fomento da leitura (e mais eficazes), medidas que facilitem a circulação do livro, campanhas de alfabetização, implicação dos meios de comunicação e, sobretudo, a criação de mais bibliotecas que consideram muito escassas no país, especialmente se termos em conta que a população se encontra muito disseminada no território. Se a população não pode comprar livros, é necessário que possam aceder facilmente a eles em bibliotecas que, ademais, devem ter pessoal qualificado que trabalhe nelas.

Assim mesmo, escritores como Boaventura Cardoso, que foi ministro da cultura de 2002 a 2010, consideram imprescindível que, em relação à circulação do livro, se iniciem políticas eficientes de promoção de obras no seio da Comunidade de Países de Língua Portuguesa para que esta seja mais fluida (MICAS, 2014). Considera chave também que se desenvolva uma crítica literária em Angola, em coincidência com outros autores, que situam uma outra causa do fraco momento que atravessa a literatura angolana desde a década de 90 na ausência de uma crítica literária angolana (GAYETA, 2014). José Luís Mendonça, membro da UEA, no editorial do n.º 164 do *Jornal Angolano de Artes e Letras* (MENDONÇA, 2018), chega a dizer: “Infelizmente, em 43 anos de independência, a Academia angolana não foi capaz de produzir um único crítico profissional, que, com regularidade se pudesse dedicar à crítica literária, e capaz de um exame severo e sereno das qualidades artísticas dos bons escritores”.

Quanto às fraquezas que apresenta o mercado global do livro em Angola, em *O livro português nos PALOP e no Brasil* (FERREIRA, 2007), acrescenta-se as práticas administrativas do Estado pouco transparentes, níveis altos de corrupção disseminados por toda a sociedade angolana e falta de formação dos profissionais do setor livreiro. Nesta mesma obra assinalam-se como pontos fortes o crescimento económico muito acelerado, a presença de uma elite socioeconómica com elevado poder de compra, o crescimento demográfico, a existência de condições favoráveis para criar estruturas e programas de criação de públicos (plano de rede de bibliotecas públicas), a crescente redução do analfabetismo, o aumento da rede escolar e o grande crescimento do ensino superior.

5. DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA INFANTIL PÓS-INDEPENDÊNCIA

Antes da data da independência do país, a literatura feita para crianças em Angola tinha como público alvo os filhos brancos dos colonos e era escrita numa ótica portuguesa que não contemplava o imaginário nem as características dos povos angolanos. Até o final da guerra colonial Lília da Fonseca é a única autora de livros para crianças. Com a independência, o panorama literário mudaria por completo e rapidamente começaram a aparecer obras para crianças, graças à preocupação dos órgãos de cultura governamentais, que se esforçaram em formar hábitos de leitura entre os mais jovens. Nestas obras, os protagonistas, os cenários, os assuntos e os motivos já são angolanos.

Como comentamos anteriormente, a literatura de tradição oral angolana é no nível institucional e social muito valorada na construção cultural de Angola e vai marcar profundamente as obras publicadas após a independência, especialmente na literatura infantil.

Como se desenvolveu e que foi o que se produziu para as crianças neste momento de entusiasmo revolucionário?

No desabrochar da literatura infantil angolana pós-independência podemos situar três obras: *As aventuras de Ngunga*, *E nas florestas os bichos falaram...* e *A caixa*.

Em 1972, o Serviço de Cultura do MPLA publicou pela primeira vez *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos), que escreveu na sua época de guerrilheiro do MPLA na floresta de Mayombe e que está considerada obra precursora da literatura moderna infanto-juvenil angolana, embora não tivesse sido redigida para esse fim (SANTILLI, 2007). Apesar da data, 1972, a obra inscreve-se no período da pós-independência porque chegou ao público em geral graças à edição da UEA em 1975. Escrito com uma função didática e destinado ao ensino de adultos, mas também de crianças (o fim era que servisse de cartilha para alfabetizar combatentes), conta, com uma linguagem simples e popular atengida de termos regionais, a história de um jovem órfão combatente no MPLA que com 13 anos perde seus pais num confronto entre guerrilheiros e colonialistas.

Realmente, o primeiro livro para crianças publicado após a independência, exatamente no dia 1 de dezembro de 1977, foi *A Caixa*, de Manuel Rui, editado pelo Conselho Nacional de Cultura para comemorar o Dia do Pioneiro Angolano. A figura do *pioneiro* é uma designação ligada à Organização dos Pioneiros Agostinho Neto (OPA)². O livro conta a história de Kito, uma criança que foge da guerra da Quibala após a perda do

² OPA “é a escola onde se educam as crianças angolanas, nos mais elevados sentimentos patrióticos e revolucionários, no amor à pátria, ao Partido, ao Povo, ao Trabalho, à Cultura, ao Desporto, no espírito do internacionalismo proletário, educando-se na concepção Científica do Mundo, no exemplo dos combatentes e pioneiros tombados pela causa da liberdade, na salvaguarda das conquistas revolucionárias do povo angolano” (DEPARTAMENTO DA INFORMAÇÃO E PROPAGANDA DO COMITÉ CENTRAL DO M.P.L.A, 1985). A OPA “funcionava como instrumento para espalhar a agenda política do MPLA, na prática, influenciando a opinião pública e servindo como mecanismo de controlo da população” (HATZKY, 2015).

pai e que vai viver refugiado em Luanda com sua mãe. Manuel Rui é, portanto, o precursor da literatura infantil pós-independência no país.

Na linha política e ideológica da causa nacional e refletindo a desintegração das crianças no contexto da etapa revolucionária que oferecia o texto de Pepetela (mas com um tom e forma muito diferente -neste caso, através da estrutura das fábulas-) situa-se *E nas florestas os bichos falaram...*, de Maria Eugénia Neto (mulher de Agostinho Neto) publicado em 1977, um outro texto já claramente destinado para crianças e jovens neste período. Esta obra fará parte da coleção alvo do trabalho que se apresenta, *11 Clássicos Infantis*. Através dos animais da floresta (como eles próprios mas também como metáfora da população civil), trata a questão da guerra da independência e a importância de lutar contra o invasor.

Em 1977 um grupo grande de professores de todos os níveis de ensino trabalharam juntos para iniciar a Reforma Educativa em Angola, visando colocar conteúdos próprios angolanos que substituíssem os de raízes culturais europeias, que se abordavam até esse momento. No caso da educação infantil, além da literatura tradicional oral, havia uma necessidade urgente de criar textos para trabalhar nas aulas e começaram assim a surgir as primeiras histórias infantis.

Nestes anos imediatos à independência, a preocupação das autoridades pelo desenvolvimento da literatura em geral e pela infantil em particular foi, como dissemos, grande e facilitou o caminho para que autores entusiastas e regulares na produção pudessem publicar com celeridade, na procura de criar hábitos de leitura sobre tudo entre os mais pequenos nesta fase da “massificação da alfabetização e da massificação cultural” (FERNANDES, 2008). O trabalho e ambiente deram os seus frutos e a década de 80 foi um momento ótimo para a literatura infantil angolana, que via como mais autores e obras foram surgindo.

Os media, nomeadamente a rádio e a imprensa, jogaram um papel fundamental no apelo a escrever e na divulgação de contos infantis nos inícios dos anos oitenta. Neste tempo surge o programa “Piô...Piô” da Rádio Nacional e o Suplemento Infantil no Jornal de Angola, com o fim principal de divulgar histórias angolanas. Uma outra vez, fazia-se necessário autores que as escrevessem. Segundo Dário de Melo, Rádio Piô foi na altura e durante muito tempo “o mais prestigiado veículo de informação e formação infantil” (apud FERNANDES, 2008). Se ao falarmos da literatura em geral era interessante fazer notar que muitas das obras publicadas nesta altura foram escritas por combatentes durante a guerra colonial, no caso das narrativas infantis deste tempo muitas foram escritas por jovens do serviço militar. Muitos outros eram trabalhadores públicos do Instituto Nacional do Livro e do Disco (INALD) ligado à Secretaria de Estado da Educação e Cultura (é o caso de Dário de Melo, Octaviano Correia, Gabriela Antunes, Rosalina Pombal e Cremilda de Lima, todos vinculados ao mundo da educação regrada em Angola). A maior parte das histórias eram adaptações de contos tradicionais.

A partir dos contos publicados no suplemento infantil do Jornal de Angola e divulgados pela rádio, é que nasceu a Coleção Piô-Piô, editada pelo INALD em 1982.

Entre 1982 e 1983 a divulgação de histórias infantis também teve lugar na Revista da Televisão Pública de Angola (Tveja) por parte de Dário de Melo e Octaviano Correia.

Nesta década de esplendor da literatura infantil, a UEA também foi um fomentador importante e editou a coleção Acácia Rubra, voltada especialmente para os livros infantis e juvenis, que chegou a ser impressa em capa dura, algo inédito no momento, em que se chegaram a editar 20.000 mil exemplares cada um (na altura, uma boa tiragem era de 1.000). Os primeiros cinco volumes foram lançados em 1988: *Um poema e sete histórias de Luanda e do Bengo*, de José Alves; *Era uma vez... que eu não conto outra vez*, de Octaviano Correia; *Estórias velhas, roupa nova*, de Gabriela Antunes; *Fá...pe...láaa!!!*, de Maria de Jesus Haller; *No país de brincaria*, de Dário de Melo.

O INALD publicou depois uma outra coleção de histórias para crianças, intitulada Mirui. Nesta destacam os títulos de Gabriela Antunes *O Castigo do Dragão glutão* e *A noiva do Rei*, além do livro de poemas *O assalto* (1979) de Manuel Rui. A poesia foi um género praticamente desaparecido do panorama literário infantil e apenas este autor e Maria Celestina Fernandes já no século XXI (*A estrela que sorri*, 2005, UEA) escreveram alguma obra integralmente de poesia infantil.

As temáticas habituais nesta literatura são, entre outros, a guerra de libertação nacional, a guerra civil posterior, as tradições e mitos angolanos, e a ecologia. Destaca o facto de as narrativas e as lendas tradicionais e orais dos distintos povos angolanos, aquelas que o colonialismo tentara fazer desaparecer, são assunto habitual e uma fonte constante de inspiração para ensinar às novas gerações a sua tradição. Além dos temas, a recuperação do universo da oratura produz-se também na estrutura. As dificuldades que têm de enfrentar as crianças no seu dia a dia é igualmente um assunto recorrente e o cruzamento entre histórias tradicionais e o maravilhoso ocidental também está presente.

Da mesma forma que sucedeu com a literatura em geral, a finais dos anos oitenta e na década de noventa teve lugar uma diminuição de produção no que atinge à literatura para crianças. O grupo dos incentivadores do INALD desmembrou-se a finais dos oitenta e as obras desta época áurea praticamente não foram reeditadas e, conseqüentemente, são quase desconhecidas para os leitores das gerações seguintes.

Em 1979 surgiu uma iniciativa fundamental de parte do Ministério de Cultura que foi o Jardim do Livro Infantil, uma feira do livro para crianças que se celebrava anualmente e em todas as capitais de província, facto muito importante se termos em conta o dificultoso da circulação do livro em Angola fora da capital. Interrompido durante dez anos, voltou-se celebrar em 2007. Além da venda de livros infantis com preço reduzido, o Jardim envolvia outras atividades de carácter cultural.

Nesta etapa a União de Escritores Angolanos publicou algumas obras infantis dentro da coleção Acácias Rubras. Entre elas é imprescindível referir-mo-nos a *Estórias velhas, roupa nova*, de Gabriela Antunes (1988), título muito representativo da linha geral dos autores desta altura de recuperar as histórias tradicionais para reconta-las. Outras obras desta coletânea foram *Um poema e sete histórias de Luanda e do Bengo*, de José

Alves; *Era uma vez que eu não conto outra vez*, de Octaviano Correia; *Fá...PE...LÁÁÁ!!!*, de Maria de Jesus Haller; *No país da brincadeira* e *Queres ouvir?*, de Dário de Melo.

De Dário de Melo destaca *Quitubo, a terra do arco-íris* (1990), obra paradigmática “quer pela qualidade de sua escrita, quer pela exemplaridade de sua temática, *Quitubo, a terra do arco-íris* é presença obrigatória na literatura infanto-juvenil angolana de excelente qualidade” (SANTILLI, 2007). O tema central volta a ser a vida de um órfão durante a guerra que busca a terra do arco-íris porque lhe tinham dito que ali a felicidade e a paz eram possíveis. A história, “contada estória que um dia lhe contaram” (apud SANTILLI, 2007), e a sua narrativa mantém alerta o leitor.

Em 1990 surgiu a obra inédita de Maria Celestina Fernandes *A borboleta cor de ouro* também na coleção Acácias Rubras da UEA. É fundamental citar esta autora porque escreve literatura para crianças desde 1982 e é das que mais obras deste género tem publicadas. Na sua narrativa, os temas recorrentes são a natureza, o amor, a amizade e a solidariedade, a guerra e a paz, o respeito pelos mais velhos, o maravilhoso... Verificaremos esta temática em *A árvore dos Gingongos*, lançada originalmente em 1993 em Portugal e que faz parte da coleção *11 Clássicos Infantis*, de 2015, que analisamos mais adiante.

A coleção Acácias Rubras editou também em 1991 a obra de Gabriela Antunes *O cubo amarelo* e no mesmo ano o INALD editou a segunda obra de Maria Celestina Fernandes, *Kalimba*.

Na década de 1990 desponta também como autora de literatura para crianças uma professora de Lubango chamada Maria João. Em 1992 publica *A gotinha rebolinha* (UEA) e no ano seguinte *A escola e dona lata*, onde uma lata que serve de banco em uma escola sem móveis é a protagonista.

6. A LITERATURA INFANTIL NO SÉCULO XXI

Se na última década do século anterior se constata a redução da publicação de livros para crianças no mercado angolano e a perda dos hábitos leitores que foram atingidos nos primeiros anos da independência, no século XXI esta situação já é clara e a baixa de produção continua a constatar-se claramente a começos deste século.

Em relação ao problema apresentado do preço dos livros que dificulta a sua aquisição, no caso da literatura infantil este agrava-se: se publicar um livro de caráter geral é caro em Angola, o que não se passa com um livro que requer de numerosas ilustrações em cor que façam que a obra seja atrativa para os mais pequenos?

Além disto, os preconceitos que envolvem este género literário, considerado menor por muitos escritores e leitores (SIMBAD, 2017), faz com que escasseiem os autores que se dedicam a escrever literatura infantil e são muito poucos os que o fazem em exclusiva. Os autores escrevem literatura para crianças como passatempo e não há uma especialização, em consequência, a produção de obras não é regular pela falta de qualidade das propostas e pela dificuldade económica que encontram as editoras em publicar este tipo de literatura.

A tendência temática da tradição angolana que se verificara nos primeiros anos da independência continua em muitas obras deste século XXI, tempo em que a literatura infantil angolana conhecerá novos autores como Yola Castro, Jonh Bela, Ondjaki ou Kanguimbo Ananás. A oralidade segue a estar muito presente como forma de atrair as crianças pela linguagem e alguns contos estão inspirados na oratura, introduzindo assim os leitores na cultura tradicional e continuando com esta linha habitual em toda a produção infantil pós-independência.

Quanto às personagens, encontramos figuras míticas (a sereia kianda, a deusa das águas), os gingongos (gémeos, consideradas pessoas sobrenaturais), seres inertes da natureza que falam, sentem e se emocionam com os humanos. Os autores estão muito identificados com o seu meio, um território repleto de água habitado por pessoas supersticiosas que acreditam nos feitiços.

É importante notar que autores como Ondjaki são representativos da abertura internacional de escritores infantis angolanos nesta altura. Novas temáticas vão ser abordadas sem ter uma relação direta com a identidade angolana, e um novo posicionamento caracterizará o exercício da escritura. Ondjaki, em entrevista ao programa de televisão brasileiro Roda Viva em 2007 (apud MICAS 14) explica como tinha sido até o momento a posição dos autores angolanos: *“Eu existo contra ti, não somente eu existo, mas eu existo contra ti. E nós agora... Diluiu-se no tempo. Nós agora, existimos em função de nós. Eu não quero existir contra ninguém”*. Assim, Ondjaki estabelece-se como representante de parte dos novos autores que, embora muitas vezes tivessem incorporado elementos que serviam para um fortalecimento da nação, estão preocupados com uma interlocução mais intensa da sua produção com a tradição de ocidente.

As instituições governamentais chave que neste momento vão tentar reverter a situação são o Instituto Nacional das Industrias Culturais (INIC, anteriormente INALD), o GRECIMA e ainda a UEA.

O Ministério de Cultura através do INIC retoma em 2007 a celebração do Jardim do Livro Infantil. O evento inclui um conjunto de atividades culturais e educativas dirigido às crianças, mães, pais e educadores. Para além de venda de livros, há espaços de interação dos escritores com o público, seminários de leitura pública, concertos ou visitas culturais guiadas. O seu papel central é divulgar e fazer promoção dos autores e da literatura infanto-juvenil para incentivar o surgimento de literatura para crianças no país.

Por outro lado, o Gabinete de Revitalização e Execução da Comunicação Institucional e Marketing da Administração (GRECIMA), que articulava o projeto Ler Angola dentro da campanha Amo Angola, dedicou uma das suas coleções de clássicos à literatura para crianças (*11 Clássicos Infantis*, 2015), além de incluir um conto infantil (*Sonhos Bordados*, de Yola Castro) na coleção *Novos Autores Angolanos* publicada em 2014.

A Fundação Dr. António Agostinho Neto (FAAN) também esteve ligada desde a sua criação em 2002 ao desenvolvimento deste género em Angola. Não por casualidade a sua presidenta é Eugénia Neto, mulher do primeiro presidente angolano e escritora pioneira na publicação de livros infantis na pós-independência. Com a colaboração da UEA e o Ministério do Ambiente, a FAAN reeditou livros como *E nas Florestas os Bichos Falaram...* (1977) e *A Trepadeira que Queria ver o Céu Azul* (1984) numa campanha que tem por finalidade a de colaborar no ensino ambiental das crianças na procura de qualidade de vida, no estímulo dos hábitos de leitura e na promoção de valores cívicos e morais.

A partir de 2000 surgiram novos autores como Yola Castro, John Bela, Ondjaki, Kanguimbo Ananás ou Sendi Baptista. De entre os “novíssimos”, Hélder Simbad (SIMBAD, 2017) destaca Rosa Soares com *O nosso Natal* (2000) em que narra as aventuras de dois gémeos numa “odisseia natalícia” no decurso da qual aprendem que a honestidade, a solidariedade e o amor devem ser praticados no dia-a-dia e não apenas em época de Natal.

Em 2003, O Instituto Nacional do Livro e do Disco publicou *4 estórias*, uma obra que integra trabalhos de Cremilda de Lima, Gabriela Antunes, Maria João e Dario de Melo. Entre os contos que se incluem na obra de 47 páginas e que tem como objetivo dar a conhecer as crianças aspetos da realidade social angolana por meio da pedagogia, destaca “Quem teima e não tem razão” (Dario de Melo), uma adaptação de um conto tradicional (ANGOP, 2003).

Amélia Mingas publicou em 2004 *O leão e a lebre*, um conto em que retoma a mesma perspetiva das narrativas tradicionais em que a inteligência da lebre é capaz de vencer a força do leão. Nesta publicação há uma inovação editorial importante: o texto é apresentado em dois livros separados, um em português e um outro em kimbundo (*Hoji ni Kabulu*, 2004). Edições bilingues já tinham sido publicadas, como o caso de *Jisabhu*, contos tradicionais de Rosário Marcelino (publicado pela UEA em 1980, em

português e em kimbundo), não dirigido diretamente a um público infantil, e o livro de adivinhas de Henrique Etaungo Daniel, *Alupopo*, publicado em umbundo e português (SCHMIDT, 2013).

Em 2005 a União de Escritores Angolanos publicou uma coletânea de contos infantis dirigida por Adriano Botelho de Vasconcelos que supôs a primeira experiência aglutinadora de autores de referência da literatura infantil angolana. Na antologia, intitulada *Boneca de pano* (VASCONCELOS, 2006), recolhem-se contos de 12 autores: Cremilda de Lima (“O Aniversário de Vavô Imbo” e “O Nguiko e as Mandiocas”), Costa Andrade (“O Castigo da Raposa”), Gabriela Antunes (“Kibala, o Rei Leão”), Henrique Guerra (“O Caçador, o Jacaré, e a Pedra Negra”), Jorge Macedo (“Tão! Tão! Tome o Pato”, “A Noite, a Árvore e o Passarinho de Bibe Maravilha” e “Jójó, o Menino de Olhos de Bimba”), José Samwila Kakweji (“A Lebre e o Mocho” e “A águia e as Galinhas”), John Bella (“A Canção Mágica”), Maria João (“A Viagem das Folhas do Caderno”), Maria Eugénia Neto (“O Bicho das Patas Mil”, “A Trepadeira que Queria Ver o Céu Azul”), Maria Celestina Fernandes (“Os Dois Amigos” e “As três Aventuras”); Raúl David (“A Palanca Vaidosa”, “A águia e o Candimba”) e Yola Castro (“O Lápis de Cor Rosa”, “As duas Mangueiras”).

Na introdução da obra, Adriano Botelho coloca a importância da obra no enaltecimento dos valores do património cultural, particularmente a literatura tradicional oral “como subsídio, de certo modo, da literatura infantil, já que o contrário pode contribuir ainda mais para a limitação dos horizontes da criança angolana”. Assim mesmo, esboça a situação em que se encontra a literatura infantil de Angola nessa altura. Reconhece que são poucos os autores que escrevem para crianças em Angola e que a coletânea não culmina com a mudança “da situação deficitária que esta literatura desempenha no sistema do ensino – As crianças não leem e poucos, se não nenhuns, são os professores que levam um livro para a escola, para com ele ajudarem as crianças a criarem hábitos de leitura”. Acrescenta que, em geral, os livros têm uma utilização penosa em Angola e que o que se publica em Luanda não chega às províncias, que habitualmente têm uma vida cultural mais pobre.

Em 2011 publicou-se *Histórias de encantar. Livro de ouro da literatura infantil*, que foi traduzido para castelhano e editado em Cuba em 2013 pela Editorial Gente Nueva, com o título *El libro de oro de la literatura infantil angolana* (PÉREZ, 2012). A obra inclui 21 contos de vários autores, alguns consagrados como António Jacinto, Cremilda de Lima, Dario de Melo, Gabriela Antunes, Luandino Vieira, Maria Celestina Fernandes, Maria Eugénia Neto ou Octaviano Correia, e outros em ascensão como Ondjaki, Yola Castro e Zaida Dáskalos.

Uma outra iniciativa que visa que novos autores se encorajem a escrever histórias para crianças são a convocatória de prémios de literatura. Quatro são os concursos literários infantis que se realizam com alguma regularidade em Angola e que, como anedota, não estão isentos da polémica do plágio (ANGOP, 2007; FORTUNATO, 2016). São o prémio literário 16 de Junho, o Concurso Caxinde do Conto Infantil, o prémio literário Jardim do Livro Infantil e o prémio literário Quem me dera ser onda.

O prémio literário Quem me dera ser onda celebrou-se pela primeira vez em 2010 e está dirigido a jovens angolanos de 13 a 17 anos. É uma iniciativa da UEA que, com a parceria do Ministério de Educação, se responsabiliza pela edição, publicação e distribuição das obras vencedoras. O prémio é de 973.950 kz.

O prémio literário 16 de junho foi instituído pelo Ministério de Cultura através do INALD em homenagem às crianças africanas que celebram o seu dia nessa data e serviu durante anos de incentivo para novos criadores. O prémio é de 1.245.806 kz e a publicação da obra. O júri da edição de 2005 decidiu não outorgar um vencedor “por falta de qualidade das obras concorrentes” (ANGOP, 2005); em 2007 também não foi atribuído porque as obras apresentadas eram plágios de outras já publicadas (ANGOP, 2007).

O Concurso Caxinde do Conto Infantil é organizado pela Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde. A primeira edição celebrou-se em 2009. O prémio é de 1.245.806 kz.

O prémio Jardim do Livro infantil é de carácter anual e realiza-se em homenagem aos precursores da literatura infantil angolana. 500.000 kz. A primeira edição celebrou-se em 2010.

O prémio literário Quem me dera ser onda celebrou-se pela primeira vez em 2010 e está dirigido a crianças angolanas de 13 a 17 anos. É uma iniciativa da UEA que, com a parceria do Ministério de Educação, se responsabiliza pela edição, publicação e distribuição das obras vencedoras. O vencedor do prémio ganha 973.950 kz. Na terceira edição a vencedora não foi premiada (FORTUNATO, 2016) pelo facto do júri ter detetado plágio.

Voltando à produção de obras interessantes para a nossa pesquisa, em 2 de abril de 2015, coincidindo com o Dia Internacional do Livro Infantil, lançou-se um projeto intitulado Fábulas de Angola. Trata-se da publicação de três fábulas tradicionais angolanas criadas como material para trabalhar nas escolas com os alunos, que foram editadas pela Casa da Cultura Malta da Paz e da Alegria com a colaboração do Ministério de Educação. Estas histórias apresentam-se em português e traduzidas para 7 línguas nacionais. Segundo os seus promotores, entre os que se encontra Yola Castro, o projeto visa trabalhar o gosto pela leitura, preservar as línguas nacionais e a cultura própria. São histórias resgatadas da tradição oral angolana que tenciona também proporcionar aos jovens personagens de referência genuínas da cultura própria para substituir as “princesas ou o homem aranha aos que as crianças se agarram”³.

Quanto às fraquezas que apresenta a literatura infantil angolana, colocamos o foco anteriormente no custoso de editar livros para crianças porque contêm muitas páginas com ilustrações em cor, e no dificultoso de comprá-los; nos problemas de aquisição de hábitos de leitura nos mais jovens; e na escasseza de autores que escrevam este

³ Yola Castro, no vídeo da notícia de apresentação da coleção na página do Facebook de Ler Angola: <https://www.facebook.com/lerangola/videos/488665201291364>

tipo de literatura, quer pelos prejuízos que envolvem este género, quer por falta de incentivos. A situação chega a ser alarmante para escritores como Dario de Melo, que expressa que se sente “revoltado, desolado e triste” em relação ao momento atual da literatura infantil fazendo referência à “redução cada vez maior de livros infantis angolanos no mercado e com ela a perda dos hábitos de leitura que estavam a ser adquiridos. Como também não se tem verificado um aumento de cultores deste género como era de esperar (DIAS, 2015). Uma outra questão que denuncia muitos autores é que a literatura infantil não chega às escolas, nem em forma de livros nem em forma de contistas, e, conseqüentemente, as crianças não crescem com o hábito e gosto pela leitura (JSM, 2014a; ÁFRICA 21 DIGITAL, 2015). Por fim, as novas tecnologias são colocadas também como responsáveis pela perda ou inexistência do hábito leitor, uma vez que marginalizam os livros nas preferências de aquisição dos mais jovens (JSM, 2014a; VOA PORTUGUÊS; 2012).

Cremilda de Lima tem em consideração estes pontos fracos e as suas causas, e acrescenta que praticamente não há livros na faixa etária 2-4, momento chave para adquirir o hábito leitor (LIMA, 2012) e que existe um problema com o envolvimento dos media de rádio e televisão que tinham de ser envolvidos num plano nacional de leitura que incluísse atividades adequadas e obrigatórias.

Neste apartado quisemos colocar as entidades, iniciativas, autores, temáticas, obras e problemáticas que consideramos mais relevantes para definir o estado da questão, após examinar a bibliografia. Pelo caminho tiveram de quedar muitas obras e autores para evitar estender-nos e intentar centrar a questão no que consideramos mais significativo.

7. 11 CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL ANGOLANA

A publicação da coleção *11 Clássicos Infantis* enquadra-se na iniciativa Ler Angola, pertencente à campanha governamental Amo Angola, que tinha sido desenvolvida pelo controvertido Gabinete de Revitalização e Execução da Comunicação Institucional e Marketing da Administração (GRECIMA). A iniciativa era incluída em diferentes empreendimentos que tinham como fim promover nacional e internacionalmente a “marca Angola”, e visava valorizar o património nacional na área da literatura angolana inscrevendo-se no objetivo geral de fomento do livro e da leitura das obras de escritores angolanos. Na sua planificação, além do desenvolvimento de uma campanha de incentivo à leitura e da atribuição de uma bolsa literária, incluía-se a publicação anual de uma coleção de obras de referência da literatura angolana.

Como destacamos anteriormente, a intenção de consolidar e avançar na angolanidade, e o carácter nacionalista da campanha Amo Angola são inequívocos, especialmente ao recordar o seu lema promocional: “Juntos na promoção da cultura, educação e patriotismo”. Nesta linha, a escolha do número 11 na apresentação das obras é muito simbólica, pois é a data em que o país atingiu a independência em novembro de 1975.

A coleção que nos ocupa dedicada à literatura infantil foi publicada em 2015, o mesmo ano em que foi editada a terceira coleção *11 Clássicos da Literatura Angolana*. Todos os livros das coleções de clássicos editadas pelo GRECIMA tinham o preço de 500 kz, um custo especial se temos em conta que na editora Chá de Caxinde o valor médio de um livro infantil é de 2.000 kz, ou de 4000 numa editora de venda on line como a Editora Dois03⁴. Um mesmo título desta coleção como, por exemplo, “E na Floresta os Bichos Falaram” de Maria Eugénia Neto, numa outra edição publicada pela UEA e em venda na sua loja virtual custa 18,50 \$ (4734 kz).⁵

Cada livro tem em média 25 páginas (que não aparecem numeradas) e estão editados em capa mole e em cores.

⁴ <https://editoradois03.com/livraria/infantil>

⁵ <http://www.ueangola.com/component/mijoshop/product/69-e-nas-florestas>



Imagem de vários livros da coleção. Fonte: ANGOP

As obras e autores que integram o conjunto são apresentados a seguir, ordenados pelo número de registro que apresentam na Biblioteca Nacional de Angola:

1. *...E nas Florestas os Bichos Falaram...*, Maria Eugénia Neto.
2. *O País das Mil Cores*, Octaviano Correia.
3. *Lutchila*, Rosalina Pombal.
4. *Kibala, o Rei Leão*, Gabriela Antunes.
5. *A Árvore dos Gingongos*, Maria Celestina Fernandes.
6. *Duas Histórias*, Zaida Dáskalos.
7. *As Sete Vidas de um Gato*, Dario de Melo.
8. *A Velha Sanga Partida*, Cremilda de Lima.
9. *Fábulas de Sanji*, António Jacinto.
10. *O círculo de Giz de Bombô*, Henrique Guerra.
11. *A Viagem das Folhas do Caderno*, Maria João.

Em relação aos autores selecionados para fazerem parte da coleção, dos 11, 7 são mulheres, e todos nasceram entre 1924 e 1965. A escritora mais jovem é Maria João e o mais velho é António Jacinto. De todos eles, António Jacinto, Rosalina Pombal, e Gabriela Antunes já tinham falecido no momento da publicação da coletânea.

O número elevado de mulheres autoras frente aos autores nesta coleção responde à situação geral em Angola, em que o número de mulheres escritoras de livros para crianças e jovens é bastante significativo tanto no período áureo da literatura pós-independência como na atualidade.

A maior parte dos escritores selecionados são representativos da primeira etapa da literatura pós-independência: funcionários do INALD (Rosalina Pombal, Dario de Melo), membros da União de Escritores Angolanos (Octaviano Correia -co-fundador-, Gabriela Antunes, Maria Celestina Fernandes, Dario de Melo, Cremilda de Lima, Henrique Guerra), presos por atividades anticolonialistas (António Jacinto), ativistas culturais durante a etapa colonial (Maria Eugénia Neto). Cremilda de Lima é atualmente membro da Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde e Octaviano Correia foi editor do programa Rádio Piô.

Os contos, como veremos, respondem às características gerais apresentadas para a literatura infantil angolana: há atualizações ou diretamente fábulas recolhidas da literatura oral tradicional; a estrutura da oratura está presente e marca o ritmo narrativo; os temas abordados são vários: a guerra, o mundo mítico, o quotidiano da vida angolana, a ecologia, a paz, a natureza, a justiça... mesmo o ideário socialista do MPLA pode se colocado como tema.

Os diferentes relatos deixam avistar o entramado colonial ou pós-independência e apresentam, além dos diferentes estratos sociais, personagens característicos da idiossincrasia angolana. A voz dos anciãos aparecem como vozes autorizadas e muito respeitadas. Grande parte dos contos mostram conteúdos muito politizados, quase panfletários, e a chamada à luta é uma constante em vários deles.

Quanto à língua, estão todos escritos em português de Angola, e alguns valem-se de glossários para esclarecer o significado de termos do português de Angola. Apenas há um caso de tradução a língua nacional no segundo relato de *Duas histórias*, de Zaida Dáskalos. Exceto em *As fábulas de Sanji*, todos apresentam uma narrativa e uma linguagem simples, acordes com o público alvo.

Os textos da coleção correspondem com diferentes gêneros literários: fábula, conto, teatro, crónica, carta e poesia.

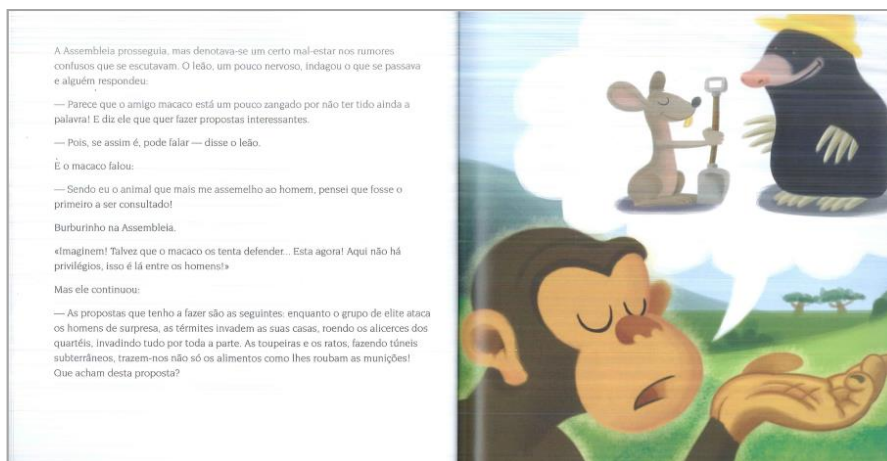
A seguir mostramos um resumo de cada obra e oferecemos dados que consideramos relevantes quanto a ela.

...E nas Florestas os Bichos Falaram..., Maria Eugénia Neto

32 páginas.

Ilustrador: António Campelo.

Publicado pela primeira vez em 1977.



Maria Eugénia Neto nasceu em 1934 e durante a luta de libertação nacional contribuiu intensamente na divulgação de poemas em programas de rádio e com artigos e poemas em jornais no estrangeiro. Mulher do primeiro presidente da República de Angola, Neto foi diretora do Boletim da Organização da Mulher Angolana. Estamos, portanto, perante uma figura muito ligada ao MPLA. Com esta obra, a autora ganhou em 1977 o Prémio de Honra na Comissão Cultural da ex-República Democrática Alemã, para a UNESCO.

Neste livro a linha narrativa é a de reescrita da tradição oral. A autora utiliza os animais da floresta para dar voz às pessoas que sofrem e falar dos males de todas as guerras, nomeadamente a colonial, que coloca como a causa principal da falta de liberdade dos povos.

O plano sentimental está muito logrado e aparecem retratados o sofrimento, a angústia, a indecisão e o ímpeto na luta.

Na introdução da história do conciliábulo de animais já há uma vinculação direta com a narração oral: uma mãe tem de contar contos ao seu filho para conseguir que este coma, e nesse dia é esta a história que relata. Uma outra vinculação direta com este tipo de narração é feita pelo cisne quando introduz a fábula do caçador dentro da história principal.

Os protagonistas principais são os animais que, com muito medo, se encontram agachados no mais profundo de uma floresta angolana fugindo da guerra. A floresta retratada como imensa e de maravilhosa beleza, adquire também o *status* de personagem.

Os personagens humanos são os homens, em geral, e o caçador. Os primeiros aparecem retratados negativamente, muitas vezes por serem os culpáveis das guerras, e por tratar mal os animais. Outras vezes aparecem com notas positivas pelo facto de criar reservas naturais onde os animais podem viver em paz. O caçador aparece como um símbolo de redenção de si próprio e da humanidade.

Os seres míticos angolanos estão presentes: o Mensageiro da Flor de Lilás (o pássaro azul), que representa os poderes da floresta e que é um ser muito respeitado, e a princesa Gisele.

Os animais expõem, democraticamente, as suas propostas sobre que fazer ante a chegada da guerra à sua floresta. Nestas discussões, a emigração não é colocada como uma opção válida e apenas a luta é o único caminho. Esta luta supõe apoiar os donos justos da floresta, que é uma metáfora de Angola e do mundo. Há também um convite continuado a trabalhar unidos (os animais e com o homem).

As chamadas à luta são uma constante e é especialmente impetuoso o apelo que faz o Mensageiro da Flor de Lilás:

“O dia da liberdade para Angola virá e nós também teremos esses parques. Não abandonem o nosso país. Resistam [...] Verão como vos sentireis orgulhosos de ter participado, ao lado dos donos do nosso país, na resistência ao invasor”.

As propostas de fuga (emigração) são caladas pelos animais mais velhos, que aparecem como as vozes mais autorizadas (mais que a do leão, que é o rei) juntamente com o Mensageiro da Flor de Lilás.

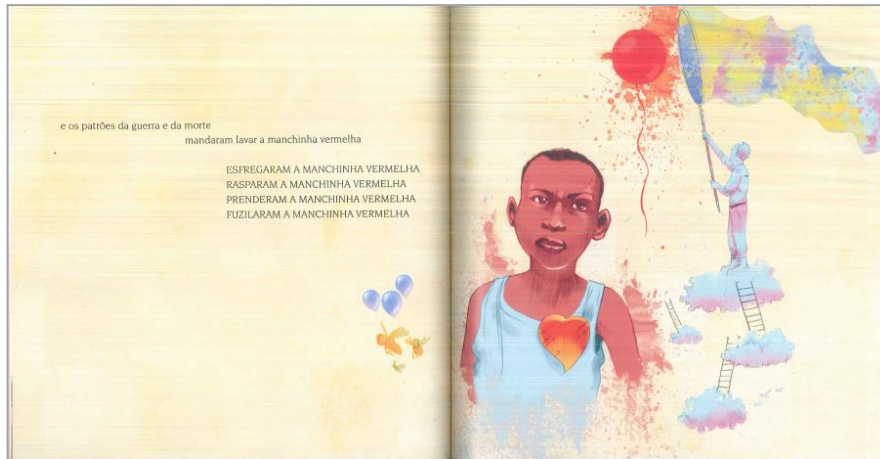
A narração situa-se muito na linha do discurso político do MPLA de apelo à luta pelo país e pela liberdade. Os protagonistas são os animais como metáfora da população civil que vive a guerra com angústia e medo. A floresta parece adquirir também status de personagem e a sua imensa beleza, onde todos têm cabida, representa o mundo. Para além do pássaro azul que se mostra como um personagem sagrado (a sua arenga a combater é quase um mandato), a voz dos anciãos mostra-se como uma voz muito autorizada que participa nessa mensagem de tirar o medo para lutar e resistir contra o dominador trabalhando unidos. Insiste-se na ideia de que apenas é possível conseguir a felicidade deste modo e que ela nunca pode ser conseguida fugindo.

O País das Mil Cores, Octaviano Correia

30 páginas.

Ilustrador: Filipe Goulão.

Publicado pela primeira vez em 1980.



Octaviano Correia nasceu em 1940 e foi co-fundador da União dos Escritores Angolanos. Além de colaborar na rádio, televisão, jornais e revistas angolanas, foi o produtor do programa Rádio Piô.

Nesta obra muito simbólica, cuja primeira edição ganhou o Prémio Especial da Unesco em 1981 na exposição “Os mais belos livros do mundo”, as ilustrações são as protagonistas. O texto, num jogo com as imagens, as maiúsculas e minúsculas, as estruturas repetitivas próprias da narração oral, as metáforas e a abertura semântica que o trabalho com a cor facilita, conta como o socialismo (“*uma manchinha vermelha*”) foi capaz de devolver a felicidade a todos os elementos, humanos e não humanos.

“TODOS OS HOMENS aprenderam que aquela cor era a cor da LIBERDADE, e pegaram nela E FIZERAM DELA SUA COR, E DEFENDERAM-NA, PROTEGERAM-NA E ESTAVAM PRONTOS A MORRER POR ELA”.

A obra percorre a linha histórico-política de textos para crianças e jovens e, uma outra vez, a guerra de libertação é a protagonista embora faça referência a todas as guerras do mundo. Angola volta ser também uma metáfora do mundo e de todos os povos que nele habitam, em correspondência com o caráter universalista do ideário socialista: “*E o país das mil cores começou a chamar-se mundo*”.

Igual que na obra anterior, apresenta-se a linha discursiva de combate do MPLA onde a luta contra o opressor (“*os patrões da guerra*”) e o vermelho, o socialismo, é a solução para atingir a felicidade, não apenas do país das mil cores que é Angola, senão do mundo. Uma outra vez a felicidade é um estado que apenas pode ser atingido através da luta.

Se as ilustrações são elementos fundamentais num livro para crianças, neste caso o são mais ainda. No mesmo nível que o texto, as imagens conseguem transpor o plano sentimental que está caracterizado pela dicotomia tristeza-felicidade.

***Lutchila*, Rosalina Pombal**

24 páginas

Ilustradora: Sara Paz.

Publicado pela primeira vez em 1982.



Rosalina Pombal nasceu em 1957 e fez parte do equipo técnico como crítica literária do Instituto Nacional do Livro e do disco. Foi membro de direção da União dos Escritores Angolanos e coordenadora nacional da UNESCO e do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa em Angola. A sua obra está dirigida, em particular, aos leitores mais jovens.

A protagonista da história é uma pinga de água de chuva que inicia uma viagem pela floresta até que é chamada para fazer uma outra viagem (voltar a fazer parte de uma nuvem até que chova de novo).

O conto é uma aproximação à natureza e uma autoaprendizagem sobre as emoções, eminentemente positivistas. A pinga de água mostra-se gostosa da vida e do mundo e valora o seu poder de adaptação com uma atitude muito positiva.

Como convite ao conhecimento das línguas nacionais, a pinga de água não desvela o seu nome, Lutchila, que quer dizer gota, pinga, água ou chuva.

O conto pode ter uma leitura simples de divertimento para as crianças com a lição da importância de viver a vida em positivo adaptando-se às diferentes situações. A vinculação com o projeto nacional, além da estimulação para conhecer as línguas nacionais, não aparece claramente no conteúdo, embora possamos fazer uma leitura

diferente: o sol “*feito uma enorme bola vermelha e avermelhando tudo em volta*” pode fazer referencia ao socialismo, e as moscas e os mosquitos que a incomodam podem ser uma metáfora dos portugueses.

O conto pode ter uma leitura simples de entretenimento para as crianças com a lição da importância de viver a vida em positivo adaptando-se às diferentes situações. A vinculação com o projeto nacional, mais alá do convite a conhecer as línguas nacionais, não aparece claramente no conteúdo, embora possamos interpretar que o sol vermelho, a enorme bola que avermelha tudo, é o socialismo; e que as moscas e os mosquitos são os portugueses.

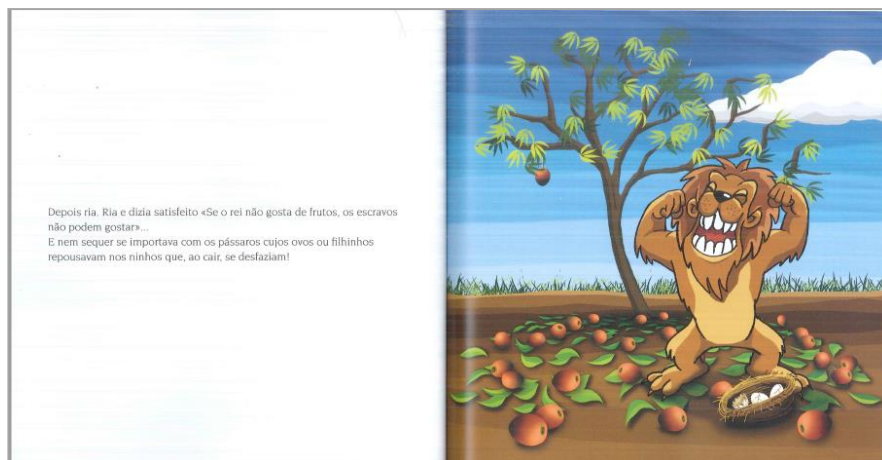
Este conto é semelhante à narrativa infantil de Maria João *A gotinha rebolinha* ou a *Ombela* de Ondjaki. As três obras propõem um achegamento aos elementos naturais e às diferentes emoções que pode sentir uma criança. Com *Ombela* partilha a intenção de achegamento às línguas nacionais (*ombela* significa em umbundu “chuva”).

Kibala, o Rei Leão, Gabriela Antunes

24 páginas.

Ilustrador: Mário Jorge.

Publicado pela primeira vez em 1982.



Gabriela Antunes, uma das grandes impulsionadoras da literatura infantil angolana, nasceu em 1937 e foi membro de direção da União dos Escritores Angolanos, além de assessora do Ministério de Educação e Cultura.

A obra coloca-se na linha de reescrita da tradição oral que apresentava *...E nas florestas os bichos falaram....* A fábula de Kibala apresenta de forma subtil a força da união de um povo que se alia pela mudança. No conto reflexiona-se sobre as vantagens do trabalho comunitário e critica-se a ideia de vingança, apelando à conveniência de fazer o bem mesmo a aqueles que um dia fizeram mal. Estes valores colocam-se na linha do discurso e da ideia de angolanidade que mantém o MPLA, onde todos têm o seu sítio e onde os castigos contra os colonizadores não se contemplam.

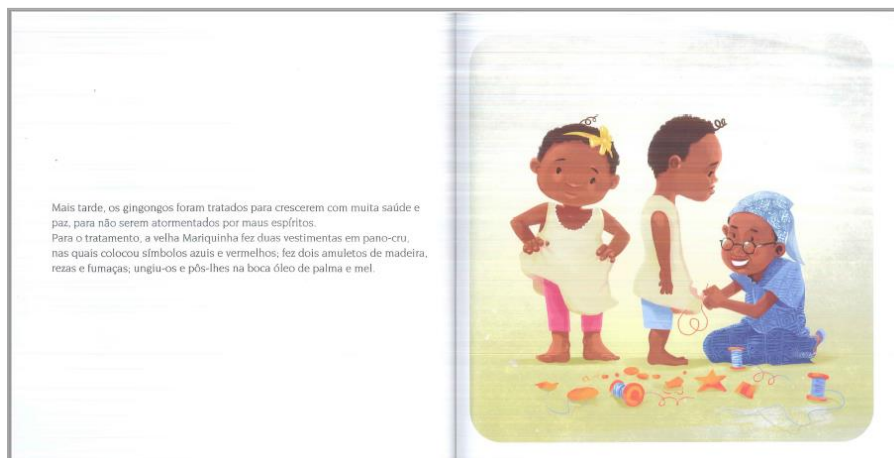
Como no conto de Maria Eugénia Neto, os animais são metáfora dos homens.

A Árvore dos Gingongos, Maria Celestina Fernandes

28 páginas.

Ilustrador: Filipe Goulão.

Publicado pela primeira vez em 1993.



Inspirado também na tradição oral angolana, este conto recria o mito dos gingongos (gémeos) que são considerados na cultura angolana seres especiais de grande sensibilidade que nunca devem ser contrariados. O interesse desta narração é grande por mostrar, além do status dos gémeos em Angola, aspetos mitológicos, costumes tradicionais e a descrição da vida quotidiana num musseque⁶ onde a mulher leva o peso dos trabalhos, domésticos e assalariados.

As ensinanças morais também têm o seu lugar na narração, neste caso, as consequências do egoísmo.

No conto podem-se observar os ritos e costumes arredor do nascimento de gémeos em Angola como fazer uma grande festa com a melhor comida e bebida em que amigos e familiares levam ofertas. Os gingongos são ungidos na testa com óleo de palma e dão-lhes mel para chupar. Para anunciar a notícia do nascimento pelo bairro, canta-se e batem-se latas. A importância de continuar com estes costumes reside, dizem os velhos, em que se os gémeos são mal recebidos ou ficam zangados por alguma causa, podem adoecer até a morte ou atrair desgraças à família. Uma outra vez a voz dos velhos torna válidas as praxes. Um outro costume ou prática ancestral que aparece no conto é o de uso de amuletos de madeira, rezas e fumaças para afastar os maus espíritos.

⁶ O glossário que acompanha o conto define musseque como “Designação antiga, com origem na língua quimbundo e que significa exactamente «areal». Ao longo do tempo, o significado alterou-se para «caminhos de areia », e o termo começou a ser usado para designar bairros e zonas suburbanas muito povoadas, onde não existe asfalto”.

O elemento que articula a narrativa é o facto de os gémeos não poderem ser incomodados nem perturbados. Sendo isto assim, recebiam todas as atenções e caprichos até que eles próprios são conscientes do improdutivo desse trato que os converte em seres egoístas.

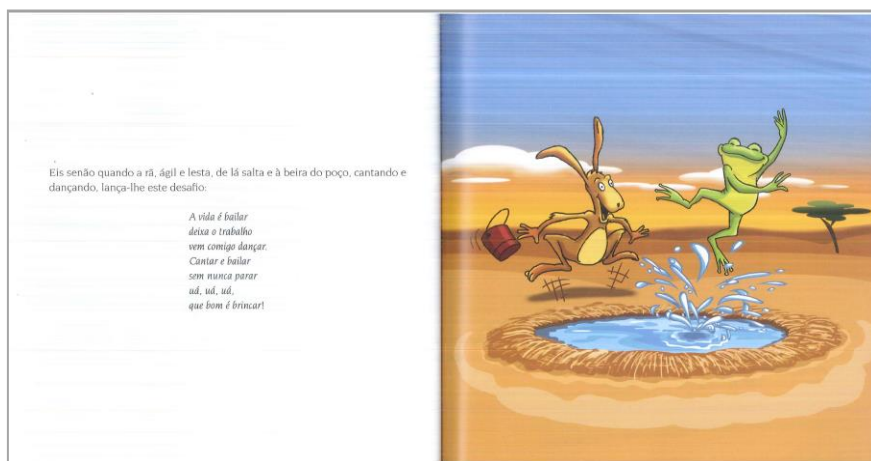
Em relação à língua, a autora utiliza diferentes termos próprios de Angola que explica num glossário de 18 termos.

Duas Histórias, Zaida Dáskalos

28 páginas.

Ilustrador: Mário Jorge.

Publicado pela primeira vez em 1984.



Zaida Dáskalos nasceu em 1926 e a sua atividade profissional esteve sempre ligada à Educação na época colonial e na pós-independência. Especialista em língua portuguesa, auxiliou escritores e poetas nacionais. A obra que se apresenta recebeu o Prémio Manguxi (literatura infanto-juvenil) atribuído pelo Instituto Nacional do Livro e do Disco em 1984.

Este volume da coleção contém duas histórias. Zaida Dáskalos explica numa nota introdutória que reconta duas fábulas antigas recolhidas em cassette de uma anciã na região de Caconda, em língua umbundu, por parte de uma amiga já falecida. A cassette perdeu-se em 1975 durante a guerra e apela para que alguém que leia estas versões as reconstitua “na sua total vernaculidade”.

Nos dois contos as lições morais giram em volta da irreflexão e da solidariedade. O primeiro é uma fábula onde os animais voltam a ser uma metáfora dos homens, e o segundo é um conto que protagonizam uns meninos. Nos dois casos dá-se um diálogo com autores clássicos portugueses, pelo que se converte uma atualização das fábulas muito interessante.

Na primeira história, intitulada “O elefante moribundo e da irreflexão dos animais da floresta”, a lição moral apresentada vai em duas direções: uma, as consequências de ser irreflexivos (faz-se um paralelismo com a irreflexão dos homens), que tem como primeira consequência a morte do elefante, mas também porque não permite a solidariedade; dois, que a solidariedade muitas vezes se manifesta tardiamente, de aí a inserção do provérbio “*Quem quer vai, quem não quer manda*”.

No conto insiste-se em que a causa do sofrimento foi a irreflexão. A autora, numa nota final que dirige às crianças leitoras, insta a meditar na lição da história e pede para que a leiam aos adultos porque considera que existe uma grande relação entre ela e a história de muitas crianças angolanas vítimas da guerra. Solicita a solidariedade dos meninos que não têm sofrido as consequências da guerra, com aqueles que sim. Neste apelo de duas páginas, inclui duas referências diretas ao Padre António Vieira: quando chama monstro à guerra (“*a guerra aquele monstro, no dizer de um grande escritor português – Padre António Vieira*”) e ao incluir uma poesia deste autor sobre os meninos vítimas das guerras, que justifica para ser causa de reflexão.

O segundo relato intitula-se “Ukonga ua tate. O presente para o pai”. Colocamos a hipótese de que “ukonga ua tate” é a tradução do título para uma língua nacional, mas a falta de material de consulta disponível faz com que não possamos confirmá-lo.

O conto narra a história de Cambinda, um menino que rompe uma cabaça que o seu pai utilizava para fermentar a quissângua⁷ e que, através da solidariedade, consegue solucionar a situação e evitar um castigo físico que, expressado com total naturalidade (“*ser martelado nas nádegas*”), lhe tinha prometido o pai.

É interessante o diálogo que a fábula mantém com um autor clássico português, Fernando Pessoa. Quando Cambinda e os seus amigos se adentram na floresta, cantam uns versos que, como esclarece a autora no final, são deste autor: “*há a poesia, a música, as danças mas o que há de melhor no mundo são as crianças*”.

Os elementos característicos do tradicional angolano apresentados no texto são, em relação ao mundo mítico, os anões. A presença da música, instrumentos e vestimentas tradicionais também é característico desta fábula.

A autora dirige-se aos leitores para pôr de relevo a riqueza e importância das narrações tradicionais porque contêm lições importantes como a deste conto, que é antítese do anterior. Se na primeira a solidariedade era esquecida, adiada pela irreflexão, nesta é a reflexão que leva as crianças a serem solidárias na defesa de um companheiro que evita assim uma surra do pai.

Neste caso, no final do livro volta a haver um glossário que inclui 8 termos próprios do português de Angola.

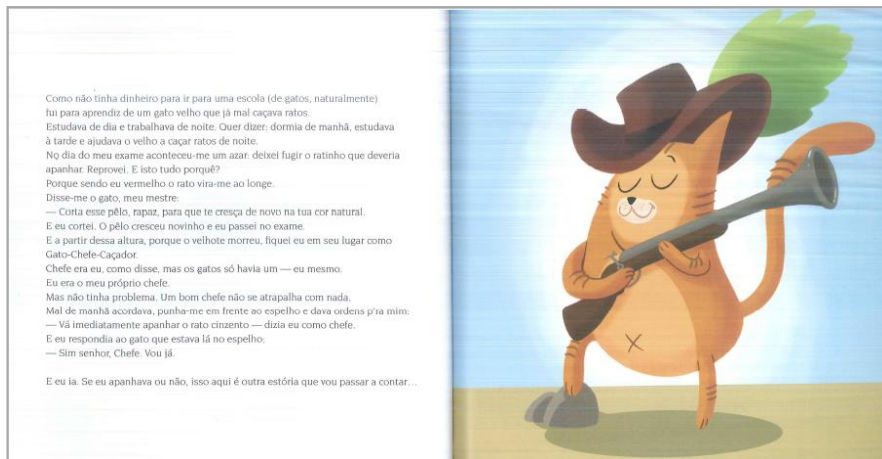
⁷ O glossário que acompanha o conto define quissângua como “Bebida fermentada feita com fuba de milho ou milho grelado”.

As Sete Vidas de um Gato, Dario de Melo

23 páginas.

Ilustrador: António Campelo.

Publicado pela primeira vez em 1998.



Dario de Melo nasceu em 1935 e foi editor no Instituto Nacional do Livro e do Disco e funcionário do Ministério da Informação, entre outras ocupações. É membro da União dos Jornalistas Angolanos e da União dos Escritores Angolanos (UEA), da qual foi presidente da Assembleia-Geral. Com esta obra, conquistou o Prémio PALOP de Língua Portuguesa de Literatura Infantil em 1998.

Como as sete vidas de um gato, a obra divide-se em sete histórias interconectadas que previamente são apresentadas sinteticamente numa cantiga de 20 versos.

*“Sete vidas tem
um gato
Mas delas
só seis eu sei:
Nasceu
e não tinha nome
Gato Vermelho ficou
Foi Caçador
Come -e -Dorme
Foi Botas Rotas
com fome
E chegou
Com outro nome
a ser
o Gato do Rei.
Agora
Gato Damala,
Conta histórias
Fala, fala,*

Assim como eu falarei”

O protagonista é um gato que não para de se transfigurar ao longo de uma narrativa divertida, com muita ação, e didática. Num primeiro momento é caracterizado como arrogante e acomodado mas, à medida que avançam os relatos, presenciamos um gato intrépido e aventureiro.

Neste conto é retratada a vida no rural e na cidade do ponto de vista do protagonista. A cidade é para o animal, símbolo de comodidades, mas também de exploração laboral. O rural é o contraponto e nele vai aprender as consequências de ser um animal preguiçoso num cenário como o campo e a floresta, onde os perigos são constantes e onde conseguir comida não é uma tarefa fácil.

No final do livro volta a fazer uma síntese do que foi a sua vida e deixa o caminho aberto para novas aventuras: *“Sete vidas tem um gato e dessas sete que eu tenho, seis delas já eu gastei: nasci e não tinha nome, Gato Vermelho fiquei, fui Caçador, Come-e-Dorme, fui Botas-Rotas, com fome e cheguei com outro nome, a ser o Gato-do-Rei. Agora, Gato Damala, se mudo outra vez de nome, que outra vida viverei?”*.

A Velha Sanga Partida, Cremilda de Lima

24 páginas.

Ilustradora: Ana Valente.

Publicado pela primeira vez em 1982.



Cremilda de Lima nasceu em 1940 e é membro da União de Escritores Angolanos e da Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde. Participa habitualmente no Jardim do Livro Infantil e em 2008 foi-lhe atribuído o Diploma de Mérito pelo Ministério da Cultura, pelo seu contributo na divulgação da literatura infantil e do imaginário tradicional angolano.

No âmbito rural, através da estória de um moringue⁸ novo e de uma velha sanga⁹ quebrada, Cremilda de Lima formula uma metáfora sobre o valor e a importância das coisas, que acaba por ser uma metáfora sobre o tempo e sobre a vida. Com uma linguagem simples, aborda subtilmente temas atuais como a importância da reciclagem e a necessidade da preservação da natureza.

A questão moral que se coloca é que nunca se deve desprezar os mais fracos porque eles podem ser tão úteis como qualquer outro.

Fábulas de Sanji, António Jacinto

24 páginas.

Ilustrador: Filipe Goulão.

Publicado pela primeira vez em 1988.



António Jacinto nasceu em 1924 e desenvolveu atividades anticolonialistas que lhe valeram a prisão. Foi Ministro da Educação e Cultura após a independência e destacou-se como poeta. Em 1993 o Instituto Nacional do Livro e do Disco instituiu o Prémio Literário António Jacinto.

Os textos das *Fábulas de Sanji* são, quanto à narrativa, muito densos e com pouco ritmo. Os assuntos tratados e o tom utilizado convertem o livro, do nosso ponto de vista, em dificilmente atribuível à categoria de literatura infantil. Frente às demais obras da coletânea, esta contém muito mais texto, menos imagem e a narrativa está carregada de descrições extensas que chegam a ser filosóficas nalgum caso. O tom de dor e sofrimento é muito marcado.

⁸Vasilha de barro, usada para conservar a água fresca, com uma asa na parte superior e um gargalo de cada lado. = MORINGA in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/moringue> [consultado em 2-03-2018].

⁹ Reservatório de água. Espécie de muringue onde a água depois de algum tempo fica fresca e pura. In Dicionário Informal [em linha], 2006-2018 <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/sanga/3602/> [consultado em 2-03-2018].

O livro apresenta vários géneros literários: fábula, conto, crónica, poesia e carta. Conforme o próprio autor comenta em entrevista (LABAN 1991), as Fábulas “em princípio eram o projeto de um conto tradicional escrito em linguagem literária trabalhada (...) uma busca de trazer para uma literatura moderna os contos tradicionais orais...”. Todos os textos são escritos antes da independência angolana, durante o período de luta, como se pode observar no fim de cada fábula onde a data é indicada.

As mensagens de resistência estão muito presentes e observa-se uma preocupação com a preservação dos elementos orais da tradição angolana. A estrutura social da época colonial é muito bem mostrada e o processo histórico angolano articula-se no conjunto dos episódios.

O primeiro relato é uma fábula localizada geograficamente na região de Golungo Alto, hoje província do Kwanza Norte. Esta localização exata não é a habitual no conjunto das obras alvo de estudo. “Dikolombolo e Ngandu”, escrita em 1970, narra a contenda, que acaba por ser judicial, entre um galo (Dikolombolo) e um jacaré (Ngandu), figura importante no fabulário angolano que é descrito como “Ngandu das águas em que a valentia se lhe apontava para o aumento de seu renome, feiticeiro das margens, temor dos homens e dos bichos”.

Na atualização da fábula, o autor introduz aspetos da estrutura social da época colonial nesse povoado em concreto, é dizer, há uma contextualização geográfica mas também historiográfica. Os personagens, todos animais, retratam homens educados na burocracia do estado colonial (o advogado macaco) em contraposição ao galo, que não tem mais arma que a sua argumentação.

A segunda história é “A festa de família de Xanga Oliveira (Crónica do antigamente no antanho)”, escrita em 1969. A personagem da história é o “bom e diligente velho Xanga”, um homem velho enfermo de reumatismo que trabalha de noite em uma fazenda de café. O episódio gira arredor do seu desejo, quase obsessão, de ter umas botas de borracha, de cano alto como as dos pescadores, para não se molhar quando tem de apanhar a água do rio. O autor acentua o drama do Xanga explicitando que tinha trabalhado a vida toda com salários magros e ainda não pudera comprar essas botas. Este anseio que pode parecer trivial deixa entrever a estrutura social: não ter calçado era uma das marcas de inferiorização do colonizado, situação corrigível caso se assimilasse¹⁰.

A estrutura social da época e certos costumes ficam bem retratados quando, nas vésperas de Natal, o Xanga vai para a residência do feitor da fazenda a pedir as “boas-festas”, uma prática comum em Angola até hoje. Por outro lado, o feitor distribui as “boas-festas” segundo as ordens que chegam do patrão em Luanda: *“um litro de vinho a cada homem e uma caneca de farinha torrada com açúcar mascavo para fazer boca, como quem diz, para aperitivo. Eram ordens do patrão e, quando ele viesse, a*

¹⁰ Calçar sapatos era um dos argumentos expressos no 4.º item do Estatuto do Indigenato, Diploma legislativo de 1931 (VERA-CRUZ, 2005).

pagamentos, no fim do mês, que lhe pedissem mais. No “ano bom” haveria mais “boas-festas”, como habitualmente, bem magras”.

Numa das noites de vigília que passa o Xanga, começa a rememorar episódios da sua vida em que se podem observar aspetos bibliográficos, mas também historiográficos. Todos os recordos deixam entrever cenas da Angola colonial. As lembranças têm a ver com a infância e o trabalho duro que faziam as crianças, com a época em que foi soldado ao lado dos portugueses, com a sua relação com o cristianismo e com os seus filhos, que no momento da história estão a lutar na guerra em diferentes pontos do país que nem el sabe.

O mundo das crenças populares aparece quando recorda as mulheres que teve. Uma delas tinha morto de feitiço, espumando pela boca. *“O doutor do Golungo falara em ataques epilépticos. Os brancos não sabem nada destes feitiços dos pretos”.*

O retrato do colonizado e do colonizador é o mais característico deste relato, além dos costumes na Angola colonial. A crítica à situação dos colonizados e ao trato que dispensam os colonizadores é evidente.

O terceiro texto é “Chuva no terreiro”, escrito em 1970. Trata-se de uma descrição da luta contra um aguaceiro que está pronto a chegar numa fábrica de descasque de café e que é narrada por um dos trabalhadores. Nesta recriação observa-se a distribuição de trabalhos numa fábrica deste tipo e o fortíssimo ritmo que se têm de impor os trabalhadores para salvar o café da chuva.

O quarto escrito é “Comportamentos”, de 1960, o texto mais breve do livro (além do poema final), e foi escrito antes de estar em prisão, antes da luta de libertação. Parece apresentar uma sorte de ensino moral que anima a lutar e a não ter medo para conseguir a vitória. A história centra-se no personagem de Bernardino, chefe da estação de comboio, qualificado como rabugento e titânico. Do ponto de vista de uma lembrança infantil, Bernardino tinha as “melhores pitangas de todo o Golungo”. Para o narrador havia dois tipos de crianças: os valentes que saltavam a cerca e colhiam as melhores pitangas, isto é, os que não tinham medo; e os que tinham medo do velho, que nunca saltavam a cerca e esperavam a que caíssem verdes fora, sem lutar.

A quinta história é a de “Zeca: o paralítico do Golungo” (escrito em 1969). É uma rememoração do tempo infantil em que o narrador, quando menino, recorda que se reunia numa confeitaria com outros meninos brancos do bairro, *“como em família”*, e que recebiam a visita habitual dum outro menino negro doente de poliomielite. Recorda a situação: Zeca, o menino negro, arrastava-se pelas ruas, pedia esmolas e bebia os restos das garrafas que se encontravam nas mesas da confeitaria. Ao fim da tarde sempre ia falar com os meninos brancos para comer as suas sobras da merenda. Eles recebiam-no com pena, pela sua situação, mas também com raiva, por causa de que era explorado pela mãe, que utilizava o dinheiro que ele conseguia para ir beber com homens. Contudo, ele adorava a sua mãe. O narrador admite o seu remorso porque nem ele nem os seus amigos intentaram entender de verdade o Zeca.

Em “A primeira sinfonia” (escrito em 1968) estamos perante a exposição do que uns homens sentem quando deixam o carro num lado do rio Calucala para cruzá-lo e adentrar-se no mais profundo da floresta. Pelo conteúdo, entendemos que estes homens estão a participar na colonização de Angola e na espoliação das suas matérias primas. Um desses homens é a voz, quase lírica, que descreve com uma visão panteísta a *“sensualidade de um paraíso há muito perdido na memória da espécie”*. Todo a beleza o que os rodeia, que contrapõe com a pequenez e fraqueza humana, faz com que emudeçam. Este sentimento vai contrapor-se à consciência de que, em pouco tempo, a mão do homem com camiões, guindastes e serras ia *“vencer o inferno verde da floresta”*.

“Tempo e memória” (escrito em 1969) é, como o anterior, basicamente uma descrição do cacimbo, o tempo da seca, e da estação de chuvas. Esta descrição é articulada pelo contacto que tem um menino com a natureza que o rodeia. Quase não há narrativa, exceto pensamentos pontuais do “descritor”, da sua época de criança.

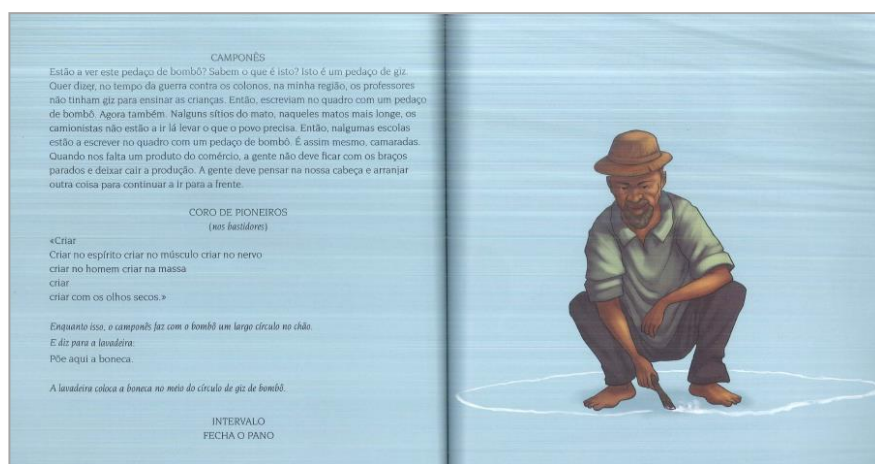
Finalmente, o último texto do livro é o poema “Gabriela”, escrito em 1972. É o único poema, em sentido estrito, de toda a coleção. Nele, o eu poético fala com tristeza da partida de uma menina de Cambondo que foi procurar mas que não encontrou.

O círculo de Giz de Bombô, Henrique Guerra.

24 páginas.

Ilustradora: Ana Valente.

Publicado pela primeira vez em 1979.



Henrique Guerra nasceu em 1937 e trabalhou como docente na Universidade Agostinho Neto. Colaborou em publicações como o *Jornal de Angola* e foi secretário para as Atividades Culturais da União dos Escritores Angolanos, de que é membro fundador. Além de escritor, é artista plástico.

Esta obra é a única da coletânea que pertence ao género dramático e, na época, a única obra de teatro com um público alvo infantil. Como explica o autor ao começo, a obra é uma leitura de uma adaptação que Alfonso Sastre tinha feito de *O Círculo de Giz Caucasiano*, de Bertold Brecht, originalmente escrita em 1944. Como a obra mãe, esta que se apresenta aborda também questões relacionadas com a liberdade e a propriedade, e está adaptada a crianças e à realidade de Angola. Trata-se de uma lição sobre a propriedade comunitária de uma ótica socialista.

Como na peça de Brecht, na obra aparece um narrador, presente em todo o texto, e um coro (de pioneiros) na sua função clássica de representação da opinião pública.

Partindo de uma situação universal, Guerra insere a parábola da justiça salomónica no contexto da realidade angolana em 4 atos. Os personagens principais são a lavandeira, mulher presente em todas as cenas como testemunha e guia, e que se dirige ao público com frequência para perguntar se o que estão a fazer as personagens é ou não correto; Lili, uma menina de boa família; Rita, uma outra menina que mora numa casa pobre; um pioneiro, que ajuda Rita a arranjar a boneca; e um velho camponês, que será quem resolva o conflito: quem tem de ficar com uma boneca.

Um outro personagem característico da idiosincrasia angolana, representante da corrupção, é apresentado no terceiro ato: o *kazukuteiro*¹¹. Ele aparece quando Lili tem de buscar uma testemunha que apoie a sua versão e trata-se de um comerciante muito bem vestido que se dedica a conseguir coisas que lhe pedem “suas amigas” para as vender (*“quando faço requisições para o meu ministério, faço também para as minhas amigas quitadeiras, porque o povo precisa de ser servido”*). O camponês, a voz autorizada da obra, não o admite como testemunha porque considera que não é uma pessoa confiável (*“Ahn! Vucê és um kazukuteiro, num é? Serves-te das dificuldades do povo para arranjar dinheiro, num é? Não, não, esta testemunha num presta. Pode i'mbora”*). A sua atitude é ainda remarcada quando ele sai da cena: *“Não, não! Eu só arranjo umas coisitas para as minhas amigas quitadeiras só para servir o bolso, ... ahn, ... , quer dizer, para servir o povo”*.

Os pioneiros estão também muito presentes nesta obra. É importante recordar que o pioneiro foi uma figura chave no MPLA e continua a ser quase reverenciada, tanto que é dedicado 1 de dezembro ao Dia do Pioneiro Angolano. A designação está ligada à Organização dos Pioneiros Agostinho Neto (OPA). Nesta escola educavam-se as crianças em sentimentos patrióticos e revolucionários e, na prática, funcionava como instrumento de influência da opinião pública e de controlo da população (HATZKY, 2015).

O camponês representa uma outra vez a voz autorizada dos anciãos. Ele resolve arranjar o assunto da boneca esboçando um círculo de bombô¹² no chão. Esclarece o lavrador o motivo pelo que utiliza o bombô: no tempo da guerra contra os colonos, na sua região, os professores não tinham giz para ensinar às crianças, então escreviam no

¹¹ nota: kazukuta quer dizer bagunça .nome de uma dança agricana- mas em Angola tem o significado de uma pessoa muito malandra, muito bangunceiro

¹² Mandioca seca assada.

quadro com um pedaço de bombô. E acrescenta: *“É assim mesmo, camaradas. Quando nos falta um produto do comércio, a gente não deve ficar com os braços parados e deixar cair a produção. A gente deve pensar na nossa cabeça e arranjar outra coisa para continuar a ir para a frente”*.

No final da obra, o coro de pioneiros aparece de mãos dadas e dirige-se ao público:

*A terra é entregue a quem a trabalha!
A fábrica é confiada aos operários
Que a põem ao serviço da nação!
Angola pertence aos angolanos
Que nela trabalham com amor
E a defendem de armas na mão!*

A ensinância moral nesta peça é marcada pela máxima “a terra, para quem a trabalha”, própria do ideário socialista. O autor ensina que o egoísmo não é produtivo e que cuidar dos bens que são de todos dá os seus frutos.

Como apontamento, o castigo físico de pais a filhos que se encontrava em “Ukonga ua tate. O presente para o pai” (Zaida Dáskalos), volta a aparecer quando a mãe de Rita a ameaça se a boneca não aparecer (“vais apanhar uma tarefa como nunca apanhaste”).

Em relação ao teatro angolano, é interessante indicar que, com a independência, muda completamente a sua feição. A dramaturgia tradicional, em geral, estava ligada a rituais religiosos e aos costumes ancestrais. Antes da independência, o teatro em Angola tinha apenas dois autores: Orlando de Albuquerque (*Ovibanda* e *O filho de Zambi*, 1974) e Domingos Van Dúnen (*Auto de Natal*, 1972). Com a independência a situação altera-se e aparecem várias iniciativas, umas de teatro enraizado na tradição africana e outras mais transformadoras. Nesta segunda linha estaria colocado Henrique Guerra com esta peça, junto com poetas e ficcionistas como Pepetela (*A corda*, 1978; *A revolta dos ídolos*, 1980), Costa Andrade (*No velho ninguém toca*, 1979) ou Manuel dos Santos Lima (*A pele do diabo*, 1977). Guerra comparte com estes autores o facto de explorar os temas com mensagem marxista, de materializar os objetivos da revolução e a intenção de reescrever a tradição e a cultura angolanas. Igual que os demais, o reconhecimento do poder decisório do povo é feita através da parábola, forma universal na essência cultural dos povos.

A Viagem das Folhas do Caderno, Maria João

24 páginas.

Ilustradora: Micaela Cabral.

Publicado pela primeira vez em 2003.



Maria João é a autora mais jovem da coleção (1960) e é professora no Instituto Superior de Ciências da Educação de Lubango.

Junto com *Lutchila* (Rosalina Pombal), esta história é das mais breves da coleção. O conto já tinha sido publicado na coletânea *4 estórias* (ANGOP, 2003). O personagem é um caderno decorado que tinha uma vida monótona porque ninguém o apanhava e decide fugir. Na fugida, o vento fez com que as suas folhas se espalhassem e estas foram apanhadas por uma menina que reutilizou cada uma das partes do caderno para melhorar outros objetos. Despede-se o protagonista fazendo uma síntese da situação vivida e deixando um final aberto: *"E assim deixei de ser caderno e passei a vestir uma boneca muito linda. Um dia a minha boneca foi à festa de uma amiga, depois vos contarei..."*.

A preocupação didática apresentada é a necessidade de cuidar das nossas possessões, embora sejam poucas, além do tema da reutilização, ligado ao mundo da ecologia e habitual, como vimos, nas temáticas da literatura infantil angolana.

CONCLUSÕES

Ao colocarmos como alvo de análise a coleção *11 Clássicos Infantis* de 2015, concluímos que a escolha das obras com que se constituiu este (possível) cânone infanto-juvenil de Angola -querendo dar conta do desenvolvimento da literatura angolana- continua, no século atual, a refletir um (determinado) projeto de construção nacional e muito ligada a um ideário político. Por isso, pode dizer-se que o conjunto resultante é mais uma coleção no século XXI do que coleção do século XXI, quer pelo volume de reedições e pelas datas de primeira publicação das obras, quer pela (ainda) forte marcação ideológica. Sendo isto assim, parece funcionar enquanto projeto identitário angolano para o século XXI ao fornecer materiais autóctones e contacto -a baixo custo- com livros destinados a crianças.

Quanto aos autores selecionados para a coleção, estes são maiormente pioneiros da literatura infantojuvenil que tinham começado a escrever na pós-independência ou durante a guerra de libertação. O papel que lhe foi atribuído a sua produção é, portanto, a de símbolo nacional e internacionalizável.

A concentração de autoria feminina contrasta com a limitada visibilização internacional delas e da sua produção. As figuras representativas da literatura infantil angolana em Portugal e no Brasil são Ondjaki e José Eduardo Agualusa fundamentalmente, contudo, as obras deles não foram selecionadas para a coleção.

Em relação aos conteúdos e formas, a tradição é uma constante que surge nas fontes, através da reescrita de contos, sobretudo tradicionais, e nos modos narrativos em que predomina a encenação da oratura, património oral, e a expressão da oralidade ou fala quotidiana em língua portuguesa.

No que tem a ver com os temas tratados e a ambientação dos relatos, a natureza, representada fundamentalmente pela imensidade da floresta e pelos animais que nela habitam, e a paz, após uma luta cruenta, são elementos apresentados como o maior património de Angola.

A uniformidade do angolano perseguida pelo ideário de construção nacional para ocultar ou minimizar as diferenças étnicas aparece nos contos pois poucas localizações exatas são colocadas e não é feita nenhuma referência a um povo concreto. Tudo o que se passa nos relatos pode ser vivenciado por um angolano qualquer.

A preocupação teórica do Estado angolano com o ensinamento e/ou difusão das línguas nacionais não se corresponde com a presença destas línguas nas obras analisadas, onde o seu aparecimento é testemunhal.

Embora no atual século tenha havido interesse institucional e investimentos -tanto por parte do governo como de associações e mesmo de algumas editoras- no sentido de multiplicar a produção e a publicação, e de diversificar a autoria dos produtos literários em Angola, os esforços não parecem ter atingido o objetivo de resolver os problemas que a literatura nacional, nomeadamente infantil, arrastra do século XX.

REFERÊNCIAS

Bibliografia ativa:

- ANTUNES, Gabriela (2015). *Kibala, o Rei Leão* Luanda: GRECIMA
- CORREIA, Octaviano (2015). *O País das Mil Cores* Luanda: GRECIMA
- DÁSKALOS, Zaida (2015). *Duas Histórias* Luanda: GRECIMA
- FERNANDES, MARIA C. (2015). *A Árvore dos Gingongos* Luanda: GRECIMA
- GUERRA, Henrique (2015). *O círculo de Giz de Bombô* Luanda: GRECIMA
- JACINTO, António (2015). *Fábulas de Sanji* Luanda: GRECIMA
- JOÃO, Maria (2015) *A Viagem das Folhas do Caderno* Luanda: GRECIMA
- LIMA, Cremilda de (2015). *A Velha Sanga Partida* Luanda: GRECIMA
- MELO, Dario de (2015). *As Sete Vidas de um Gato* Luanda: GRECIMA
- NETO, Maria E. (2015). *...E nas Florestas os Bichos Falaram...* Luanda: GRECIMA
- POMBAL, Rosalina (2015). *Lutchila* Luanda: GRECIMA

Bibliografia passiva:

ÁFRICA 21 DIGITAL (2017). “Escritora angolana pede maior divulgação de obras infantis nas escolas”. *África 21 Digital*. 19.03.15. Disponível em <http://www.africa21digital.com/culturas/ver/20042529-escritora-angola-pede-maior-divulgacao-de-obras-infantis-nas-escolas> [Acesso em 11.02.17].

AGÊNCIA LUSA (2017). “Angola e Moçambique têm a população mais jovem entre os lusófonos”. *Observador*. 17.10.17. Disponível em <https://observador.pt/2017/10/17/angola-e-mocambique-tem-a-populacao-mais-jovem-entre-os-lusofonos> [Acesso em 20.07.18]

ÁLVARO, Ana Natacha Duarte (2017). *Das caixas de Manuel Rui ao apagão de Ondjaki: as imagens possíveis*. Dissertação de mestrado em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino, Coimbra: Universidade de Coimbra. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/37129/1/DascaixasdeManuelRuiaoapag%C3%A3odeOndjakiasimagenspossiveis.pdf> [Acesso em 3.01.18].

ANGOP (2003). “A coletânea infantil intitulada “4 estórias” editada pelo Instituto Nacional do Livro e do Disco será posta esta semana no mercado, segundo fonte oficial”. 16.09.03.

Disponível em http://m.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2003/8/38/,ca91020b-1e1e-4ae5-8f3c-74f806bb4221.html [Acesso em 2.06.2017].

ANGOP (2005). “Edição 2005 dos prémios do INALD sem vencedores”. 8.08.05. Disponível em http://m.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/mobile/noticias/lazer-e-cultura/2005/7/32/Edicao-2005-dos-premios-INALD-sem-vencedores,d9068105-5b9b-4b3c-a7da-5f2824eba5ac.html [Acesso em 2.06.2017].

ANGOP (2007). “Prémio Literário Infantil 16 de Junho sem vencedor”. 22.07.07. Disponível em http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2007/5/25/Premio-Literario-Infantil-Junho-sem-vencedor,96d69d53-dc20-45d9-8e6e-ca9e259a60d9.html [Acesso em 2.06.2017].

BELO, José (2015). “Em Angola os livros infantis são os mais vendidos”. *Angola Bela*. 1.11.15 Disponível em <http://www.angolabelazebelo.com/2015/11/em-angola-os-livros-infantis-sao-os-mais-vendidos> [Acesso em 20.01.17].

BRAVO-VILLASANTE, Carmen (1989). “Cultura, sociedad y literatura infantil”. *Ensayos de Literatura Infantil*. Murcia: Universidad de Murcia, Secretariado de Publicaciones, pp. 27-37.

CAFUSSA, Alberto Colino (2015). “As implicações da identidade nacional na projeção externa de Angola”. *Mulemba. Revista Angolana de Ciências Sociais* n.º 5 (9), pp. 55-99 Disponível em <https://journals.openedition.org/mulemba/358> [Acesso em 7.12.17].

CASA DE LUANDA (2008). *Pequeno Dicionário angolano*. Disponível em <http://casadeluanda.blogspot.com/2008/03/dicionrio-angolano-de-a-d.html>
<http://casadeluanda.blogspot.com/2008/03/dicionrio-angolano-de-e-l.html>
<http://casadeluanda.blogspot.com/2008/03/dicionrio-angolano-de-m-z.html>

CASTRO, Yola (2014). *Sonhos Bordados*. Luanda: GRECIMA.

CAZOMBO, Elvira Moisés da Silva. (2009). *Literatura angolana: encontro e desencontro na construção dos valores culturais no contexto escolar de Angola*. Tese de Doutorado em Educação. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba. Disponível em <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/aluno/visualiza.php?cod=518> [Acesso em 13.01.18].

CERQUEIRA, Dorine (2012). “A Justiça salomônica brechtiana no teatro angolano”. *Anais do IV Congresso Norte-Nordeste da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP)*. Otávio Rios e Veronica Prudente (orgs.) Manaus: UEA Edições, pp. 174-182. Disponível em <http://www.abraplip.org.br/wp-content/uploads/2015/01/Anais-IV-Norte-Nordeste-2012.pdf> [Acesso em 2.11.17].

CIPRIANO, Patrício Batsíkama Mampuya (2015). *Nação, nacionalidade e nacionalismo em Angola*. Tese de Doutoramento em Antropologia, Porto: Universidade Fernando Pessoa. Disponível em <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/5191/1/Tese%20Patr%C3%ADcio.pdf> [Acesso em 17.11.17].

COSTA, Taniza Andrades da (2016). “As aventuras de Ngunga (1981): a cartinha da independência nacional de Angola”. *Revista Virtual de Letras*, v. 8, n.º 2, pp. 638-651. Disponível em <http://www.revlet.com.br/artigos/413.pdf> [Acesso em 21.07.17].

DEPARTAMENTO DA INFORMAÇÃO E PROPAGANDA DO COMITÉ CENTRAL DO M.P.L.A (1985). *Angola, Trabalho e Luta: Panorama Histórico, Panorama Geográfico, Panorama Político E Social, Panorama Económico*. Luanda: Edições DIP.

DIAS, Eliane (2013). “A Literatura Angolana para Infância”. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, núm. 4, pp. 1129-1145. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/38160> [Acesso em 4.04.18].

DIAS, Pedro (2015). “Dario de Melo desolado com estado da literatura infantil em Angola”. *VOA em português*. 23.08.15. Disponível em <http://www.voaportugues.com/a/dario-de-melo-desolado-com-estadpo/2927011.html> [Acesso em 18.02.17].

Dicionário Informal <https://www.dicionarioinformal.com.br>

Dicionário Priberam <https://www.priberam.pt>

EMBAIXADA DE ANGOLA EM PORTUGAL. *Dicionário de autores angolanos*. Disponível em <http://www.embaixadadeangola.org/cultura/literatura/autores.html>.

ERVEDOSA, Carlos (1963). *A literatura angolana (resenha histórica)*. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império.

ERVEDOSA, Carlos (1985). *Roteiro da Literatura Angolana*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.

FERNANDES, Maria Celestina (2008) “Surgimento e Desenvolvimento da Literatura Infantil Angolana Pós-Independência”. *V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil*, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/301-surgimento-e-desenvolvimento-da-literatura-infantil-angolana-p%C3%B3s-independ%C3%Aancia> [Acesso em 28.03.18].

FERREIRA, António Mega; AZINHEIRA, Duarte; PEREIRA, Vasco Daniel. (orgs.) (2007). *O livro português nos PALOP e no Brasil*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

FORTUNATO, Jomo (2016). "Concurso literário vai na 7ª edição". *Jornal de Angola*. 4.07.16. Disponível em <http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/concurso-literario-vai-na-7-edicao> [Acesso em 20.01.17].

GANGA, Marcela (2018). "Yola Castro advoga incremento de incentivos para produção literária infantil". *ANGOP*. 25.06.18. Disponível em <http://www.angop.ao/angola/pt-pt/noticias/lazer-e-cultura/2018/5/26/Yola-Castro-advoga-incremento-incentivos-para-producao-literaria-infantil,84c428d3-7c04-4a60-8b21-cb926c0dce01.html> [Acesso em 18.02.17].

GAYETA, Agostinho (2014). "Produção literária angolana não é acompanhada pela crítica, diz jornalista Cláudio Fortuna". *VOA em português*. 10.08.14. Disponível em <https://www.voaportugues.com/a/2408231.html> [Acesso em 11.07.17].

GOMES, Miguel (2014). "Grecima lança mais onze clássicos da literatura nacional". *Rede Angola*. 07.11.14. Disponível em <http://www.redeangola.info/grecima-lanca-mais-onze-classicos-da-literatura-nacional> [Acesso em 8.06.17].

HAMILTON, Russel G. (2000). "A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial". *Veredas* n.º 3, pp. 537-548.

HATZKY, Christine (2015). *Cubans in Angola: South-South Cooperation and Transfer of Knowledge, 1976-1991*. Madison: University of Wisconsin Press.

JORGE, Manuel (2006). "Nação, Identidade e Unidade Nacional em Angola. Conceitos, preceitos e preconceitos do nacionalismo angolano". *Latitudes*, n.º 28, pp. 3-10. Disponível em http://www.revues-plurielles.org/uploads/pdf/17/28/17_28_02.pdf [Acesso em 23.04.18].

JSM (2014a). "Literatura infantil carece de maiores investimentos". *Portal de Angola*. 1.04.14. Disponível em <https://www.portaldeangola.com/2014/04/01/literatura-infantil-carece-de-maiores-investimentos> [Acesso em 1.02.18].

JSM (2014b). "Escritora huilana sugere introdução da literatura infantil no currículo escolar". *Portal de Angola*. 23.04.14. Disponível em <https://www.portaldeangola.com/2014/04/23/escritora-huilana-sugere-introducao-da-literatura-infantil-no-curriculo-escolar> [Acesso em 27.05.18].

JSM (2015a). "Vice-governadora solicita apoio de empresários na produção de livros". *Portal de Angola*. 29.06.15. Disponível em <http://www.portaldeangola.com/2015/06/vice-governadora-solicita-apoio-de-empresarios-na-producao-de-livros> [Acesso em 11.11.17].

JSM. (2015b) “Bengo: Responsável considera positivo Jardim do Livro Infantil”. *Portal de Angola*. 8.07.15. Disponível em <http://www.portaldeangola.com/2015/07/bengo-responsavel-considera-positivo-jardim-do-livro-infantil> [Acesso em 14.03.17].

JSM (2015c). “Escritora aconselha pais a oferecerem mais livros aos filhos”. *Portal de Angola*. 18.08.15. Disponível em <http://www.portaldeangola.com/2015/08/escritora-aconselha-pais-a-oferecerem-mais-livros-aos-filhos> [Acesso em 22.12.17].

LABAN, Michel (1991). *Angola: Encontro com Escritores*, Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

LIMA, Cremilda (2010). “Breve reflexão sobre a literatura infantil angolana”. *União dos Escritores Angolanos*. Disponível em <http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/84-breve-reflex%C3%A3o-sobre-a-literatura-infatil-angolana> [Acesso em 23.04.17].

LIMA, Cremilda (2012). “Literatura infantil. Continuidades”. *Cultura, Jornal Angolano de Artes e Letras*. 3.11.12. Disponível em <http://jornalcultura.sapo.ao/letras/literatura-infantil-continuidades/fotos> [Acesso em 23.04.17].

MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro (org.) (1999). *A mulher escritora em África e na América Latina*. Évora: Editorial NUM.

MENDONÇA, José Luís (2018). “O vácuo da crítica literária em Angola”. *Cultura, Jornal Angolano de Artes e Letras*, n.º 164, p. 2. Disponível em <http://imgs.sapo.pt/jornalcultura/content/files/cultura-03.07.2018.pdf> [Acesso em 21.07.18].

MICAS, Lígia Helena (2014). “O lugar do leitor no panorama literário atual de Angola”. *III Seminário de Pesquisa da FESPSP Os rumos estratégicos do Brasil*. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Disponível em https://www.fespsp.org.br/seminario2014/anais/GT2/2_O_LUGAR_DO_LEITOR.pdf [Acesso em 23.04.17].

MICAS, Lígia Helena (2017) *Leitores angolanos, variadas leituras: um olhar sobre a literatura de Angola no pós-independência*. Tese de Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo: Universidade de São Paulo.

OLIVEIRA, Daniel de (2011). “SERRANO, Carlos. *Angola, nascimento de uma nação*: um estudo sobre a construção de identidade nacional. Luanda: Edições Kilombe, 2009. 337 p.”. *Cadernos de campo, Revista dos Alunos de Pós-graduação em Antropologia Social da USP*, São Paulo, v. 20, n.º 20, pp 327-332.

Palavras de Angola. Glossário de palavras do português de Angola. Disponível em <https://dicionarioegramatica.com.br/publicacoes-fixas/palavras-de-angola>

PASSOS, Joana (2015). “António Jacinto, a escrita e a história” em Ana Paula Tavares, Fábio Mário da Silva, Luís Pinheiro (orgs.), *António Jacinto e a sua época. A modernidade nas literaturas africanas em língua portuguesa*. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Instituto de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, pp. 243-265. Disponível em

https://issuu.com/clepul/docs/ant_nio_jacinto_e_a_sua_poca [Acesso em 29.06.16].

PATISSA, Gociante (2016). “Sobre candidaturas à bolsa Ler Angola 2016”. *Angola, Debates & Ideias*. 15.01.16. Disponível em <http://angodebates.blogspot.com/2016/01/utilidade-publica-sobre-candidaturas.html> [Acesso em 7.02.18].

PEREIRO, Maria Belém Reis Serra Pereira (2009). *A definição de uma Literatura – Literatura Angolana*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10918/1/Tese.pdf> [Acesso em 17.01.18].

PÉREZ, Enrique (ed.) (2012). *Libro de Oro de la Literatura Infantil Angolana*. La Habana: Instituto Cubano del Libro, Editorial Gente Nueva.

REPÚBLICA DE ANGOLA (2006a). “Decreto 42/06 de 19 de Junho”. *Diário da República*. Série I, n.º 87. Disponível em <https://www.lexlink.eu/FileGet.aspx?FileId=35869> [Acesso em 22.11.17].

REPÚBLICA DE ANGOLA (2006b). *Plano de Desenvolvimento Cultural*. Disponível em: http://www.artsinafrica.com/uploads/2011/08/PLANO_DE_DESENVOLVIMENTO_CULTURAL-1.pdf [Acesso em 22.11.17].

SANTILLI, Maria A.; VILLIBOR, Suely (orgs.) (2007) *Literaturas de Língua Portuguesa. Marcos e Marcas*. São Paulo: Editora Arte e Ciência.

SCHMIDT, Aline Van Der (2013). “Entre leões, coelhos, tranças e guerras: dilemas contemporâneos na literatura infantil angolana de Ondjaki”. Dissertação (mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia

SECCO, Carmem Lúcia Tindó (org.) (2007). *Entre fábulas e alegorias: ensaios sobre literatura infantil de Angola e Moçambique*. Rio de Janeiro: Quartet.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó (2013). “A literatura e a arte em Angola na Pós-Independência” *Conexão Letras*, v. 8, n.º 9, pp. 9-23. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaolettras/article/view/55396> [Acesso em 14.03.17].

SIMBAD, Hélder (2017). "A adulta questão da literatura infantil em Angola". *Cultura, Jornal Angolano de Artes e Letras*. 24.10.17. Disponível em <http://jornalcultura.sapo.ao/letras/a-adulta-questao-da-literatura-infantil-em-angola/fotos> [Acesso em 1.03.17].

SOUSA, Elsa; AZEVEDO, Fernando (2008). "Valores sociais na literatura infanto-juvenil angolana do Pós-Independência" em *Sociedad educadora, sociedad lectora: XII Seminario Interuniversitariode Pedagogía Social*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, pp.143-148.

TABORDA, Terezinha (2015). "(Re)Ler *Luuanda* em tempos de clássicos" em *Via Atlântica*, São Paulo, n.º 27, pp 265-282.

VASCONCELOS, Adriano B.; BERNARDO, Tomé; DIAS, Neusa (orgs.) (2006). *Boneca de pano. Colectânea de contos infantis*, 2.º ed. Luanda: União dos Escritores Angolanos.

VERA-CRUZ, Elisabeth (2005). *O Estatuto do Indigenato e a Legalização da Discriminação na Colonização Portuguesa: o Caso de Angola*, Lisboa: Edições Imbondeiro.

VICTORINO, Samuel Carlos (2012). "O papel da educação na reconstrução nacional da República de Angola". *Revista Diálogos*, v. 17, n.º 1, pp. 9-16. Disponível em <https://bdt.d.ucb.br/index.php/RDL/article/download/3821/2305> [Acesso em 1.01.17]

VOA PORTUGUÊS (2012). "Angola: Custos e tecnologia limitam literatura infantil". 5.08.12. *VOA em português*. Disponível em <https://www.voaportugues.com/a/literatura-infantil-angola/1455542.html> [Acesso em 1.03.17].

ANEXOS

ANEXO I

QUADRO SINÓPTICO DA HISTÓRIA DE ANGOLA A PARTIR DA ÉPOCA COLONIAL

PERÍODO COLONIAL	
XV	Chegada dos portugueses à foz do rio Congo.
XVI	Começo da conquista.
Fins XIX	Conquista do interior do país.
1920	Angola é declarada estado pacificado. Colonia plena.
1956	Fundação do MPLA.
1961	Começo ações armadas do MPLA contra o colonialismo.
1961-1975	Guerra da Independência de Angola ou Luta Armada de Libertação Nacional (UPA/FNLA, MPLA E UNITA contra as Forças Armadas de Portugal). [1974: 25 de Abril e cessar-fogo]
PERÍODO PÓS-INDEPENDÊNCIA	
1975	Assinatura do Acordo do Alvor e proclamação da Independência.
1991	Tratado de paz assinado entre MPLA e UNITA. Condição: convocatória de eleições.
1992	UNITA perde eleições que ganha o MPLA (José Eduardo dos Santos) e volta a guerra civil.
1994	Tratado de paz, Nações Unidas controla o cessar-fogo.
1994-1998	Paz relativa.
1998	Volta à guerra civil.

2002	Morte de Jonas Savimbi, líder da UNITA e assinatura do cessar-fogo definitivo.
2008	Primeiras eleições (legislativas) desde 1992. Ganha MPLA e continua como presidente José Eduardo dos Santos .
2012	Eleições Gerais. Ganha MPLA e continua José Eduardo dos Santos .
2017	Eleições Gerais. Ganha MPLA. Fim da presidência de José Eduardo dos Santos. João Lourenço é o novo presidente.

ANEXO II

QUEM É QUEM? APRESENTAÇÃO DOS AUTORES NA COLEÇÃO 11 CLÁSSICOS INFANTIS, 2015

Maria Eugénia Neto

Maria Eugénia Neto nasceu a 8 de Março de 1934 em Trás-os-Montes (Portugal). Estudou Desenho e Línguas Estrangeiras e participou nos coros do Conservatório Nacional português. Durante a luta armada de libertação nacional contribuiu intensamente na divulgação de poemas em programas de rádio e com artigos e poemas em jornais no estrangeiro. Foi diretora do Boletim da Organização da Mulher Angolana (traduzido em francês e inglês).

Publicou três testemunhos a Agostinho Neto: *Em Cabo Verde Nasceu um Menino* e o *Menino Chamou-se Agostinho Neto* (1985), *Fica Aí Dentro do Quarto: O Soldado Sou Eu* (1985), *Ninguém Impediria a Chuva* (1991) .

Da sua vasta obra destacam-se, entre outros, *Foi Esperança e Foi Certeza* (Poesia, 1976), *A Lenda das Asas e da Menina Mestiça-flor* (1983), *O Vaticínio da Kianda na Piroga do Tempo* (1985), *A Menina EuFlores* (1987), *Este é o Canto* (1989), *A Montanha do Sol* (1989) e *O Soar dos Quissanges* (Poesia, 2000) .

... *E nas Florestas os Bichos Falaram* ... ganhou o Prémio de Honra na Comissão Cultural da ex-RDA, para a UNESCO, 1977 - Leipzig. Em 2011 foi distinguida com o Prémio Nacional de Cultura e Artes, na categoria de literatura. A sua obra encontra-se traduzida em diversas línguas.

Octaviano Correia

Nasceu no Lubango, província de Huíla, em 1940. Co-fundador da União de Escritores de Angola colaborou na rádio, televisão, jornais e revistas angolanos. De 1967 a 1973 foi realizador no Rádio Clube de Huíla e de 1979 a 1983 na Rádio Nacional de Angola, produzindo o programa Rádio Piô. Escreveu e adaptou, para rádio - teatro, contos para crianças. Tem literatura infanto-juvenil publicada em Angola e Portugal, com destaque para *O País das Mil Cores* (1980), *Histórias com Gente Dentro* (2003) e *O Menino dos Olhos Azuis de Água* (2008). A sua obra foi distinguida com o Prémio Especial da UNESCO (1981), na exposição «Os Mais Belos Livros do Mundo, Leipzig», pelo título *O País das Mil Cores*, traduzido na ex-Tchecoslováquia para servo-croata, e com o Prémio Especial da UNESCO (Prémio Victor Hugo, 1988) pelo título *O Reino das Rosas Libertas*. *O Monstro das Sete Cabeças* e *as Meninas Roubadas (e outras histórias angolanas)* (1999) recebeu também o Galardão da Cultura da Região Autónoma da Madeira.

Rosalina Pombal

Nasceu no Huambo, a 8 de Julho de 1957, e faleceu em Luanda, em Janeiro de 1985. Após os estudos secundários, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto, onde frequentou o 2.º ano do curso de direito, curso que o precoce término da sua vida viria lamentavelmente a interromper. Desenvolveu ainda atividade como técnica do INALD (Instituto Nacional do Livro e do

DISCO) , com a função de crítica literária. Da sua obra, dirigida em particular aos leitores mais jovens, fazem parte *O Pequeno Elefante* e o *Crocodilo* (1982), *Luchtila* (1982) e *Lutchila e Outras Histórias*, (1986).

Gabriela Antunes

Maria Gabriela Cardoso da Silva Antunes nasceu no Huambo, antiga Nova Lisboa, Angola, a 8 de Julho de 1937 e faleceu a 3 de Abril de 2004, em Lisboa. Licenciou-se em Filosofia Germânica pela Faculdade de Letras de Lisboa, em 1960, e, mais tarde, fez uma pós-graduação em Pedagogia e Didática da Língua Inglesa, em Luanda. Assessorou o Ministério da Educação e Cultura, foi membro de direção da União dos Escritores Angolanos, coordenadora nacional da UNESCO e do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa em Angola, coordenadora do curso de Jornalismo do Instituto Makarenko (posteriormente Instituto Médio de Economia de Luanda) e diretora da Biblioteca Nacional de Angola.

Publicou diversos livros infantis dos quais se destacam: *Kibala, o Rei Leão* (1982), *A Águia, a Rola, as Galinhas e os 50 Lwei* (1982), *Estórias Velhas, Roupa Nova* (1989), *O Cubo Amarelo* (1991). Em 1999 recebeu o prémio da Fundação Casa de Cultura de Língua Portuguesa, entregue por Jorge Sampaio, Presidente da República Portuguesa, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Maria Celestina Fernandes

Nasceu no Lubango, a 12 de Setembro de 1945. Fez os estudos secundários e superiores em Luanda. É Assistente Social e licenciada em direito pela Universidade Agostinho Neto. Exerceu funções no Banco Nacional de Angola, dedicando-se posteriormente à consultoria jurídica e à administração empresarial. É membro da União dos Escritores Angolanos. Autora de prosa e poesia, parte significativa do seu trabalho é dirigida aos leitores mais jovens. Entre as obras publicadas encontram-se *A Borboleta Cor de Ouro* (1990), *Kalimba* (1992), *Retalhos da Vida* (1992) *A Arvore dos Gingongos* (1993) , *A Rainha Tartaruga* (1997), *A Filha do Sobá* (2001), *O Presente* (2002), *O Meu Canto* (2004), *Os Panos Brancos* (2004): *A Estrela que Sorri* (2005), *E Preciso Prevenir* (2006), *As Três Aventuras no Parque* (2006), *A Muxiluanda* (2008), *As Amigas em Kalandula* (2009), *A Lagoa Misteriosa* (2014) e *Tino e Companheiros* (2014). Pela obra foi distinguida com o Prémio Jardim do Livro Infantil, em 2010, com o Prémio Caxinde do Conto Infantil, em 2012, e com o diploma Altamente Recomendável da FNLIJ do Brasil, pelo título *A Arvore dos Gingongos*. Recebeu o Diploma de Mérito pelo Ministério da Cultura e tem nomeações para o prémio sueco Astrid Lindgren. Alguns dos seus títulos foram traduzidos para inglês, italiano, sueco e coreano.

Zaida Dáskalos

Zaida Mendonça de Oliveira Dáskalos nasceu no Huambo, antiga Nova Lisboa, Angola, a 20 de Janeiro de 1926. Fez os estudos primários e secundários no Huambo, e foi no período colonial professora primária no Ensino Público e Privado durante 30 anos, sendo fundadora e coproprietária de um Colégio de Ensino Infantil e Primário - o Colégio Ateniense - no Huambo, até à altura da independência.

Depois da independência permaneceu no Huambo, onde exerceu, no Ensino Público, as funções de professora do Ensino Primário (1976 - 1977) e do Ensino Secundário (1977-1979), tendo sido desde esse ano até 1992 Chefe do Serviço de Documentação da Escola de Ciências Agrárias do Huambo. Consagrou-se à literatura infantil e como especialista que era da Língua Portuguesa auxiliou escritores

e poetas nacionais, alguns dos quais já consagrados. Em 1984 foi atribuído pelo Instituto Nacional do Livro e do Disco o Prémio Manguxi (literatura infanto-juvenil) ao seu original *Duas Histórias*.

Dario de Melo

Nasceu a 2 de Dezembro de 1935, em Benguela, Angola. Exerceu profissões diversas, como docente, inspetor escolar, editor no INALD (Instituto Nacional do Livro e do Disco) e funcionário do Ministério da Informação. Na condição de Jornalista, colaborou na rádio, foi diretor da *Voz do Bié*, em 1972, da *Tveja* (Revista de Televisão Pública de Angola), em 1983, e do *Jango*, em 1992. Para além destas ocupações e cargos, publicou artigos vários na imprensa. É membro da União dos Jornalistas Angolanos e da União dos Escritores Angolanos (UEA), da qual foi presidente da Assembleia-Geral entre 1992- 1994. Da sua obra e no âmbito da literatura infanto-juvenil destacam-se *O Galo e a Rola* (1984), *Estórias do Leão Velho* (1985), *Vou Contar* (1988), *Quitubo*, a *Terra do Arco-Iris* (1990), *Contos Infantis* (1993), *Aqui Mas do Outro Lado* (2000). É autor da letra do *Hino da Paz* (1992). Em 1998 conquistou o Prémio PALOP de Língua Portuguesa de Literatura Infantil com o livro *As Sete Vidas de um Gato*. Tem igualmente obra publicada nas áreas da poesia, novela e romance.

Cremilda de Lima

Nasceu em Luanda em 1940, efetuou estudos superiores em Angola e Portugal em Educação e Pedagogia, sendo professora do 1.º Ciclo desde 1964. É membro da UEA e da Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde, sendo da sua autoria: *O Balão Vermelho*, *Mussulo uma Ilha Encantada*, *A Colher e o Génio do Canavial* (traduzido para sérvio), *A Kianda e o Barquinho de Fuxi* (traduzido para Kimbundu), *O Maboque Mágico e Outras Estórias*, *A Múcua que Baloçava ao Vento*, *O Nguiko e as Mandiocas*, *Histórias de Encantar* (Livro de Ouro da Literatura Infantil Angolana), *O Medo Vooou pela Janela*, entre outros títulos, alguns adaptados para teatro.

Participa habitualmente no Jardim do Livro Infantil e lançou em 2014 o primeiro áudio-livro «Contos Infantis Angolanos». Em 2008 foi-lhe atribuído o Diploma de Mérito pelo Ministério da Cultura angolano, pelo seu contributo na divulgação da literatura infantil e do imaginário tradicional angolano. Foi também nomeada para o prémio internacional Astrid Lindgren Memorial (ALMA).

António Jacinto

António Jacinto do Amaral Martins nasceu em Luanda, a 28 de Setembro de 1924, e faleceu em Lisboa (Portugal), a 23 de Junho de 1991. Fez os seus estudos liceais em Luanda, onde viria a desenvolver atividades anticolonialistas, o que lhe valeu a prisão. Após a independência de Angola foi Ministro da Educação e Cultura. Destacando-se como poeta, entre as suas obras publicadas encontram-se *Poemas* (1961), *Vôvô Bartolomeu* (1979), *Outra Vez Vôvô Bartolomeu* (1979), *Em Kilunje do Gongo* (1984), *Sobreviver em Tarrafal de Santiago* (1985), *Prometeu* (1987) e *Fábulas de Sanji* (1988). A sua obra foi reconhecida com o Prémio Lotus da Associação dos Escritores Afro-Asiáticos, em 1979, e com o Prémio Nacional de Literatura de Angola, em 1987, tendo em 1993 o Instituto Nacional do Livro e do Disco instituído o Prémio Literário António Jacinto.

Henrique Guerra

Nascido em Luanda a 25 de Julho de 1937, licenciou-se em Engenharia Civil, tendo sido docente na Faculdade de Engenharia da Universidade Agostinho Neto. Colaborou em várias publicações periódicas, como o *Jornal de Angola*, da Associação dos Naturais de Angolana (Anangola) e *Cultura*, da Sociedade Cultural de Angola. Foi membro da Comissão de Redação da gazeta *Lavra e Oficina* e Secretário para as Actividades Culturais da União dos Escritores Angolanos, de que é membro fundador. Além de escritor, também é artista plástico. São de sua autoria as seguintes obras: *A Cubata Solitária* (contos, 1962) ; *Angola - Estrutura Económica e Classes Sociais* (ensaio, 1975); *Quando me Acontece Poesia* (poesia, 1976); *Alguns Poemas* (1978); *O Círculo de Giz de Bombô* (teatro, 1979); *Três Histórias Populares* (ficção narrativa, 1980); *O Tocador de Quissanje* (contos, 2011).

Maria João

Nascida em 1960 no Lubango, Maria João Chipalavela ali viveu e estudou, tendo-se licenciado em Psicologia da Educação no Instituto Superior de Ciências da Educação do Lubango (ISCED), com especialização em Teoria do Desenvolvimento Curricular. É professora no departamento de Ciências da Educação, no Curso de Psicologia, no ISCED do Lubango. Escreve para o público infantil, sendo algumas das suas obras: *A Gotinha Rebolinha* (1990), *A Escola* e a *Dona Lata* (1994) , *A Aventura do Vento* e *Outros Contos* (2009). Foi também coautora do livro publicado sob a égide do INALD (Instituto Nacional do Livro e do Disco) *4 Histórias*, sendo de sua autoria *A Viagem das Folhas do Caderno*. Em 2008 foi homenageada pelo Ministério da Cultura do Governo Angolano pelo seu trabalho em prol das letras no sul do país, tendo recebido um galardão e um diploma de mérito.

ANEXO III

ANÁLISE E RESUMOS COMPLETOS DOS CONTOS INCLUIDOS NA COLEÇÃO *11 CLÁSSICOS INFANTIS*, 2015.

1. *...E nas Florestas os Bichos Falaram...*, Maria Eugénia Neto

Na introdução da história do conciliábulo de animais já há uma vinculação direta com a narração oral: uma mãe tem de contar contos ao seu filho para conseguir que este coma, e nesse dia é esta a história que conta. Os protagonistas principais são os animais que, com muito medo, se encontram ocultos no mais profundo de uma floresta angolana fugindo da guerra. Vendo que o confronto armado já se encontra na sua região, o chefe (o leão) organiza uma reunião urgente para expor a situação e encontrar, entre todos, uma solução que lhes permita sobreviver. Na exposição dos feitos, recordam o passado de todos os animais que aparecem retratados como seres inocentes que sempre viveram tranquilos até que apareceu o ser humano. Sobre a relação entre eles e os homens, referem que antes de destruir e comer o seu térreo, tinham respeito pelos animais. De entre as propostas apresentadas, ressalta a de fugir mais para o interior da floresta e pedir reforços de animais em florestas amigas para atacar os enclaves humanos. Para discutir a proposta retiram-se ao banho até que têm de proteger-se por causa de uma tempestade. Neste momento, a autora introduz uma segunda fábula dentro da principal, através do cisne:

Um homem caçador fica um dia maravilhado com a beleza da floresta e dos animais e sente um profundo arrependimento pelas mortes causadas. Os animais presentes quiseram atacá-lo ali mesmo mas apareceu um personagem que participa das duas histórias, nesta e na do conciliábulo: o passarinho azul, o Mensageiro da Flor de Lilás. Este exige levar o caçador a ver a princesa Gisele à montanha cor de rosa para ser julgado. Uma vez ali, o homem é exonerado com a condição de convencer os outros homens de não matar os animais e respeitar a floresta. O caçador arrependido e a princesa Gisele acabam por casar.

Voltando para o conciliábulo, os animais continuam a proporcionar mais visões sobre o ser humano: o cavalo diz que os homens são seres ingratos porque se aproveitam a vida toda do trabalho deles para acabar comendo-os; o cão fala de que há homens bons, porque existem as protetoras de animais, leis que impedem o maltrato animal e mesmo reservas onde os animais podem viver tranquilamente. O cão tem os seus pensamentos claros: acha que “os donos” do país amam as suas terras e que têm de lutar com eles contra os que vêm de longe, para não ter medo nunca mais e poder viver em parques, como vivem noutros países independentes de África.

No dia seguinte a situação torna-se grave. Observam fumo de fogo apagado e chegam informações de que a base humana tinha sido destruída, mas não sabem quem tinha ganhado. Abatidos, tristes e com muito medo, tinham de tomar já uma decisão. Fugir ou ficar e atacar? Animais como o búfalo querem escapar a outras florestas mas o macaco opõe-se porque acha que viver num país que não é o próprio, é muito duro, e que não se pode renunciar ao que pertence sem lutar para que os filhos se orgulhem. Nesse momento apareceu o mensageiro da Flor do Lilás, o passarinho azul da história do caçador arrependido, e todos calaram em sinal de respeito, porque ele representava na floresta os grandes poderes. Tentou convencê-los para que lutassem com o seu país. Recorda o homem caçador

arrependido e diz que ele fez muito pelos animais e que agora as pessoas compreendem que não devem matar animais e por isso criam parques imensos onde podem viver felizes. Insiste em que os animais não devem matar os homens senão viver juntos felizes.

“O dia da liberdade para Angola virá e nós também teremos esses parques. Não abandonem o nosso país. Resistam [...] Verão como vos sentireis orgulhosos de ter participado, ao lado dos donos do nosso país, na resistência ao invasor”.

Além do discurso do mensageiro da Flor do Lilás, os animais mais velhos falam aos demais sobre a dureza e penúrias que supõe a emigração, pelo que os animais decidem ficar na terra e ajudar contra o invasor para serem livres.

A narração situa-se muito na linha do discurso político do MPLA de apelo à luta pelo país e pela liberdade. Os protagonistas são os animais como metáfora da população civil que vive a guerra com angústia e medo. A floresta parece adquirir também status de personagem e a sua imensa beleza, onde todos têm cabida, representa o mundo. Para além do pássaro azul que se mostra como um personagem sagrado (a sua arenga a combater é quase um mandato), a voz dos anciãos mostra-se como uma voz muito autorizada que participa nessa mensagem de tirar o medo para lutar e resistir contra o dominador trabalhando unidos. Insiste-se na ideia de que apenas é possível conseguir a felicidade deste modo e que ela nunca pode ser conseguida fugindo.

2. O País das Mil Cores, Octaviano Correia

O conto é dedicado no início a “todos quantos ainda vivem e lutam nos países “transparentes” para que os cubram de vermelho e depois lhes restitua AS MIL CORES DA ALEGRIA DA JUSTIÇA DA PAZ”.

Nesta obra muito simbólica, cuja primeira edição ganhou o Prémio Especial da Unesco em 1981 na exposição “Os mais belos livros do mundo”, as ilustrações são as protagonistas. O texto, num jogo com as imagens, as maiúsculas e minúsculas, e as estruturas repetitivas próprias da narração oral, conta a história de um país de mil cores onde tudo o que não era humano (“as árvores, os campos, as casas, o dia, a alegria, os pássaros, o gado, as estradas, a noite, a justiça, as montanhas, os bichos, os caminhos, a madrugada, a paz”) tinha cores felizes e os homens eram ainda mais felizes, embora não tivessem cor. Esta situação muda com a chegada da guerra e a morte, e todas as coisas começam a perder a cor até serem transparentes, enquanto os homens passaram a ter cor, mas eram igual de infelizes que tudo.

Um dia apareceu um globo no céu que fez com que tudo mudasse, “uma manchinha vermelha” que primeiro se via pequena mas que cada vez se foi fazendo maior. Os patrões da guerra intentaram limpá-la em vão porque cada vez era maior e tingia tudo de cor vermelha até que conseguiu calar as vozes dos patrões da guerra e as pessoas deixaram de chorar. O vermelho estava por todas as partes e “**TODOS OS HOMENS aprenderam que aquela cor era a cor da LIBERDADE, e pegaram nela E FIZERAM DELA SUA COR, E DEFENDERAM-NA, PROTEGERAM-NA E ESTAVAM PRONTOS A MORRER POR ELA**”. Os elementos não humanos voltaram a ter cores felizes e os homens não ter cor e a ser venturosos. O conto acaba com uma frase conclusiva em que, uma outra vez, observamos o caráter universalista do ideário socialista: “*E o país das mil cores começou a chamar-se mundo*”.

Igual que na obra anterior, apresenta-se a linha discursiva de combate do MPLA onde a luta contra o opressor (*“os patrões da guerra”*) e o vermelho, o socialismo, é a solução para atingir a felicidade, não apenas do país das mil cores que é Angola, senão do mundo. Uma outra vez a felicidade é um estado que apenas pode ser atingido através da luta.

3. *Lutchila*, Rosalina Pombal

Lutchila é um conto dirigido às crianças mais pequenas pela história contada e pela quantidade de texto apresentado. A protagonista é uma pinga de água de chuva que inicia uma viagem pela floresta até que é chamada para fazer uma outra viagem (voltar a fazer parte de uma nuvem até que chova de novo). Nesta viagem joga com as folhas verdes e escapa das moscas e mosquitos que a querem beber (*“vocês sabem como são as moscas e mosquitos. Só gostam de viver à custa dos outros”*). A gota de água consegue chegar a um lugar confortável onde pode ver o sol a descer *“feito uma enorme bola vermelha e avermelhando tudo em volta”*. No entardecer é que a pinga observa que é o momento em que as pessoas se fazem presentes e gostava de continuar ali, mas não desfruta do frio da noite. Em atitude muito positivista, a pinga de água mostra-se gostosa da vida e do mundo porque este é grande, diferente e bonito, e aliás, valora as várias formas que ela pode adotar porque lhe permitem viver segura nos diferentes lugares a onde vai. Até o final do conto não desvela o seu nome, um convite ao conhecimento das línguas nacionais: Lutchila, que quer dizer gota, pinga, água ou chuva.

O conto pode ter uma leitura simples de divertimento para as crianças com a lição da importância de viver a vida em positivo adaptando-se às diferentes situações. A vinculação com o projeto nacional, além da invitation a conhecer as línguas nacionais, não aparece claramente no conteúdo, embora possamos fazer uma leitura diferente: o sol *“feito uma enorme bola vermelha e avermelhando tudo em volta”* pode fazer referência ao socialismo, e as moscas e os mosquitos que a incomodam podem ser uma metáfora dos portugueses.

O conto pode ter uma leitura simples de entretenimento para as crianças com a lição da importância de viver a vida em positivo adaptando-se às diferentes situações. A vinculação com o projeto nacional, mais alá da invitation a conhecer as línguas nacionais, não aparece claramente no conteúdo, embora possamos interpretar que o sol vermelho, a enorme bola que avermelha tudo, é o socialismo; e que as moscas e os mosquitos são os portugueses.

Este conto é semelhante à narrativa infantil de Maria João *A gotinha rebolinha* ou a *Ombela* de Ondjaki. As três obras propõem um apegamento aos elementos naturais e às diferentes emoções que pode sentir uma criança. Com *Ombela* partilha a intenção de apegamento às línguas nacionais (*ombela* significa em umbundu “chuva”).

4. *Kibala, o Rei Leão*, Gabriela Antunes

Esta é a história de Kibala, um rei leão intransigente e muito maldoso com os demais que fazia com que os outros animais estivessem fartos: berrava pelas noites para não os deixar dormir, estragava frutos das árvores porque ele era carnívoro, falava de *“seus escravos”*... Um dia que foi caçar um impala caiu num buraco fundo e não conseguia sair. Berrava mas ninguém ia na sua ajuda. Os dias se

passavam mas nenhum animal acudia porque estavam ocupados com a organização da mata, a divisão de tarefas, o auxílio aos velhos, os medicamentos, a escola para os mais novos... O rei continuava a pedir ajuda mas não a conseguia, até que um dia apareceu o cágado, que voltava de férias, e ao ver a mata muito diferente, perguntou que se tinha passado. Quando lho contaram, dirigiu-se aos seus vizinhos e disse-lhes que tinham mostrado claramente não querer o rei, que podiam e sabiam governar a mata em conjunto, mas que não podiam deixar morrer Kibala porque demonstrariam a mesma crueldade que ele tinha mostrado. Todos concordaram em que o que tinham de fazer era dar-lhe água e comida, e mandá-lo a um local onde ainda pudesse ser útil.

Nesta obra, Gabriela Antunes, uma das grandes impulsionadoras da literatura infantil angolana, fala de forma subtil da força da união de um povo que se alia pola mudança. No conto reflexiona-se sobre as vantagens do trabalho comunitário e critica-se a ideia de vingança, apelando à conveniência de fazer o bem mesmo aqueles que um dia fizeram mal. Estes valores colocam-se na linha do discurso e da ideia de angolanidade que mantém o MPLA, onde todos têm o seu sítio e onde os revanches contra os colonizadores não se contemplam.

5. *A Árvore dos Gingongos*, Maria Celestina Fernandes

Inspirado também na tradição oral angolana, este conto recria o mito dos gingongos (gémeos) que são considerados na cultura angolana seres especiais de grande sensibilidade que nunca devem ser contrariados. O interesse desta narração é grande por mostrar, além do status dos gémeos em Angola, aspetos mitológicos, costumes tradicionais e a descrição da vida quotidiana num musseque. As ensinanças morais também têm o seu lugar na narração, neste caso, as consequências do egoísmo.

Nga Maria e o senhor Policarpo são os pais dos gingongos e de outros 7 filhos. Os dois gostam da dança e das festas no musseque mas ela não tem muito tempo porque vende no mercado missangas, tabaco, cola e gengibre, e além disso faz o trabalho da casa. No conto podem-se observar os ritos e costumes arredor do nascimento de gémeos em Angola como fazer uma grão festa com a melhor comida e bebida em que amigos e familiares levam ofertas. Os gingongos são ungidos na testa com óleo de palma e dão-lhes mel para chupar. Para anunciar a notícia do nascimento pelo bairro, canta-se e batem-se latas. A importância de continuar com estes costumes reside, dizem os velhos, em que se os gémeos são mal recebidos ou ficam zangados por alguma causa, podem adoecer até a morte ou atrair desgraças à família.

Na história assistimos a como os gingongos são tratados para crescer com muita saúde e não serem atormentados por maus espíritos: amuletos de madeira, rezas, fumaças. Toda a gente os mimava e se alguém os perturbava, eram alertados para não trazer desgraça, assim que foram crescendo com muitos caprichos e atenções. Adão e Eva, como eram conhecidos os gingongos, embora fossem batizados com os nomes de Manuela e Manuel tendo como padrinho um comerciante branco amigo da família, decidiram um dia que queriam ser os donos únicos da mangueira da família, árvore que o resto de irmãos e vizinhos desfrutavam saboreando as mangas. Para evitar choros, cederam às pretensões mas, quando a mangueira começou a dar frutos, o resto de irmãos e filhos dos vizinhos iam igualmente comer a fruta. Os gémeos sentiram-se roubados e resolveram adoecer. Não comiam, nem falavam e choravam todo o tempo. Os pais tiveram de falar com o resto de irmãos e vizinhos para que não comessem as mangas e, como ninguém queria que os gémeos estivessem enfermos, aceitaram. Recuperaram assim a saúde. Quando viram que a árvore dava muitas mangas e elas caíam e apodreciam no chão por causa de não haver quem as comessem, envergonharam-se pelo seu egoísmo e retificaram. Já de adultos, recordam como foram criados.

No final do conto é apresentado um glossário com 18 termos.

6. *Duas Histórias, Zaida Dáskalos*

Este volume da coleção contém duas histórias. Zaida Dáskalos explica numa nota introdutória que reconta duas fábulas antigas recolhidas em cassette de uma anciã na região de Caconda, em língua umbundu, por parte de uma amiga já falecida. O cassette perdeu-se em 1975 durante a guerra e apela para que alguém que leia estas versões as reconstitua “na sua total vernaculidade”.

Nos dois contos as lições morais giram em volta da irreflexão e a solidariedade. O primeiro é uma fábula onde os animais são uma outra vez uma metáfora dos homens, e o segundo é um conto que protagonizam os meninos humanos. Nos dois casos dá-se um diálogo com autores clássicos portugueses, pelo que se converte uma atualização das fábulas muito interessante.

Na primeira história, intitulada “O elefante moribundo e da irreflexão dos animais da floresta”, um elefante encontra-se muito doente por causa da sede e a sua companheira elefanta, que não tem água, pede à lebre que lhe traga. Quando a lebre chega à beira do poço sai uma rã que o invita a cantar e dançar animando-a com uma copla: *“A vida é bailar, deixa o trabalho, vem comigo dançar. Cantar e bailar sem nunca parar, uá, uá, uá, que bom é brincar!* A lebre esquece a sua promessa de levar água e une-se à festa enquanto a elefanta, desesperada, pede à serpe que vá pela água. Neste caso acontece o mesmo que com a lebre e fica no poço a dançar. Dado que a elefanta não consegue a água e o seu companheiro está cada vez mais doente, decide ir ela ao poço. Ao chegar, os animais calam e sentem-se envergonhados, e acompanham a elefanta com a água em direção ao elefante. Já era tarde e este morrera. Os animais presenciam a dor da elefanta e meditam sobre o que tinham causado.

A lição moral da história vai em duas linhas: uma, as consequências de ser irreflexivos (faz-se um paralelismo com a irreflexão dos homens), principalmente que não permite a solidariedade; dois, que a solidariedade muitas vezes se manifesta tardiamente: a elefanta pensa em que se tivesse ido ela de início procurar a água, a morte do seu companheiro não teria lugar. Em relação a isto, inclui-se um provérbio: “Quem quer vai, quem não quer manda”.

No conto insiste-se em que a causa do sofrimento foi a irreflexão. A autora, numa nota final que dirige às crianças leitoras, insta a meditar na lição da história e pede para que a leiam aos adultos porque considera que há uma relação entre ela e a história de muitas crianças angolanas vítimas da guerra. Solicita a solidariedade dos meninos que não têm sofrido as consequências da guerra, com aqueles que sim. Neste apelo de duas páginas, inclui duas referências diretas ao Padre António Vieira: quando chama monstro à guerra (*“a guerra aquele monstro, no dizer de um grande escritor português – Padre António Vieira”*) e ao incluir uma poesia deste autor sobre os meninos vítimas das guerras, que justifica para ser causa de reflexão, igual que a primeira história e a segunda que vai a seguir.

O segundo relato intitula-se “Ukongu ua tate. O presente para o pai”. Conta a história de Cambinda, um menino que rompe uma cabaça onde o seu pai fermentava a quissângua. Este exige-lhe que apareça inteira sob ameaça de ser martelado nas nádegas. Com a ajuda de dois amigos, resolve ir dentro da floresta na procura dos anões, pois é tradição na região utilizar os pelos da barba destes seres miraculosos: ao cozer a cabaça com os pelos, essa tinha de renovar-se. Mascaram-se e, batendo o batuque, adentram-se na floresta cantando uns versos que, como esclarece a autora no final, são de Pessoa: *“há a poesia, a música, as danças mas o que há de melhor no mundo são as crianças”*. Animais e anões aproximam-se ao ouvir o ruído e tomam parte na dança, momento que aproveitam as crianças para arrancar os pelos e ir embora para reparar a cabaça, aliviados e conscientes da importância do carinho e da solidariedade entre amigos.

Uma outra vez, Aida Dáskalos dirige-se aos leitores para pôr de relevo que no repositório de histórias tradicionais há muitas lições importantes como esta, que é antítese da anterior. Se na primeira a solidariedade era esquecida, adiada pela irreflexão, nesta é a reflexão que leva as crianças a serem solidárias na defesa de um companheiro que evita assim uma surra do pai. Desculpa também os meninos por terem arrancado as barbas dos anões porque está certo de que se eles soubessem a razão dessa ação sorriam e pensariam nos versos de Pessoa cantados pelas crianças.

No final do livro é colocado um glossário com 8 termos.

7. *As Sete Vidas de um Gato*, Dario de Melo

Como as sete vidas de um gato, a obra divide-se em sete histórias interconectadas que previamente são apresentadas sinteticamente numa cantiga de 20 versos. O protagonista é um gato que não para de se transfigurar ao longo de uma narrativa divertida, com muita ação, e didática.

Na primeira história, intitulada “Loa d’estórias”, conta como um menino entra numa loja de livros solicitando uma história de gatos, mas de um gato vermelho. O vendedor não tem e tenta vender-lhe outro livro dizendo que se é um gato vermelho é de fora e, portanto, precisa de tradução. O menino explica que todos os gatos miam igual e vai-se embora sem comprar um livro.

Na segunda história, intitulada “O gato Damala”, um gato vermelho que é doutra cor nesta história pede trabalho na loja de livros. Diz que vem disfarçado e que por isso cortou os bigodes. O vendedor de livros pergunta-lhe que é o que sabe fazer e ele acomoda-se, pousa a mala e começa a contar que fora aprendiz de um gato velho mas que não aprovava o exame por causa de ser vermelho, pois todos os ratos o viam, assim que resolveu cortar o pelo para que crescesse o natural. Quando o gato velho morreu, ele ficou no seu lugar como Gato-Chefe-Caçador. Ele era o seu próprio chefe e dava ordens a ele próprio. Para esclarecer se apanhava ratos ou não, introduz uma outra história, a terceira, intitulada “O gato caçador”.

Nesta terceira parte narra que era o gato caçador de um homem rico avarento que não lhe dava comida para que caçasse mais ratos, mas era impossível acabar com os ratos porque eram muitos. Um dia apareceu um gato gigante que se desculpou pelos problemas que a sua família ocasionava, mas que eram ratos e tinham de roer. Assim mesmo, o rato disse-lhe que ele era explorado pelo seu dono, e que merecia poder descansar, porque estava certo de que se algum dia acabava com todos os ratos, o seu patrão continuaria a não dar-lhe comida. O gato pergunta-se, dirigindo-se aos leitores, que foi o que fez nesse momento e, na seguinte história explica-o.

Em “O Come-e-Dorme”, a quarta história, esclarece que não fez nada porque o rato tinha a razão. Decidiu deixá-los roer à vontade e o amo abandonou-o no mato. Ali, uma formiga avisou-o para que não dormisse com os olhos fechados, porque poderia ser ele o caçado- Ele, muito altivamente, não se preocupava porque o caçador era ele. Continuou a caminhar e uma voz escondida lhe falou e perguntou-lhe que era o que caçava: respondeu novamente de forma arrogante que não caçava nada porque era rico e tinha patrão que lhe dava de tudo. Num outro momento encontra uma vaca a que pede leite, mas ela apenas lho dá se ele sabe ordenhar. Ele presume de não saber porque na cidade o leite chega em garrafas. Finalmente encontra Dona Onça: trata-a como um familiar e expressa-lhe o desejo que tem de jantar com ela mas não leva carne. A onça oferece-lhe ir de caça, ao que o gato

responde que não trouxe a espingarda e que na cidade não é necessário caçar. A onça, irritada, tenta caçá-lo e o gato, assustado, foge até chegar a uma casa.

Na seguinte parte (“O Gato-das-Botas-Rotas”) o gato chega a uma granja onde o animal invejado por todos é o porco, por causa dos cuidados e mimos que lhe dispensam os donos. Um dia descobrem onde vai parar o porco, ao palácio do rei, mas desconhecem o motivo. O gato diz à cabra que vai investigar algo nos livros e, quando volta para falar com a cabra, aparece bem vestido e sem botas rotas. Uma outra vez o gato dirige-se ao leitor e pergunta-lhe se sabe o que lhe passou numa história que leu num livro para introduzir o sexto conto.

Em “O Gato-do-Rei” continua a conversar com a cabra. Esta pergunta-lhe o motivo pelo qual vai tão bem vestido e ele responde que é porque é o gato do rei. Tinha conseguido o ofício entrando na história de um livro velho onde descobriu que o porco entrava no palácio para ser comido em bandeja de prata. Uma vez na história do livro, roubou um oso do porco ao gato do rei e deu-lhe uma sapatada para ficar com o trabalho. Dirige-se agora com uma interrogação ao vendedor de livros da primeira história: se era o novo gato do rei, um trabalho tão bom, por que é que tinha fugido do palácio e tinha vindo a pedir trabalho? A explicação figura na seguinte parte, a última história.

A última parte intitula-se “E... Voltamos ao Princípio”. O protagonista relata que, quando estava adormecido no palácio, ouviu dizer que o gato parecia muito gordo e que não deviam dar-lhe comida porque o que tinha de fazer era caçar. Ao gato recordou-lhe a sua vida com o patrão e não queria ser uma outra vez um gato que não descansa, assim que se disfarçou, colheu a mala e cortou os bigodes.

Neste conto é retratada a vida no rural e na cidade do ponto de vista do protagonista. A cidade é para o animal, símbolo de comodidades, mas também de exploração laboral. O rural é o contraponto e nele vai aprender as consequências de ser um animal preguiçoso num cenário como o campo e a floresta, onde os perigos são constantes e onde conseguir comida não é uma tarefa fácil.

No final do livro volta a fazer uma síntese do que foi a sua vida e deixa o caminho aberto para novas aventuras: *“Sete vidas tem um gato e dessas sete que eu tenho, seis delas já eu gastei: nasci e não tinha nome, Gato Vermelho fiquei, fui Caçador, Come-e-Dorme, fui Botas-Rotas, com fome e cheguei com outro nome, a ser o Gato-do-Rei. Agora, Gato Damala, se mudo outra vez de nome, que outra vida viverei?”*.

8. A Velha Sanga Partida, Cremilda de Lima

No âmbito rural, através da estória de um moringue novo e de uma velha sanga quebrada, Cremilda de Lima formula uma metáfora sobre o valor e a importância das coisas, que acaba por ser uma metáfora sobre o tempo e sobre a vida. Com uma linguagem simples, aborda subtilmente temas atuais como a importância da reciclagem e a necessidade da preservação da natureza.

Na história conta-se como numa casa de uma zona rural, um moringue de barro se ri de uma velha sanga, por considerar que não vale para nada, e também de um coco que fica a seu lado. A sanga defende o coco aduzindo que tem utilidade porque o Joãozinho, o filho do dono dos objetos, está a utilizá-lo para levar areia e ajudar o seu pai a tapar um buraco. O moringue assente mas volta a criticar a sanga porque ela, diz, não serve para coisa nenhuma. Enquanto discutem, ouvem falar Joãozinho e

seu pai sobre fazer mudanças na entrada da casa para que fique bonita. Estes começam a procurar alguma peça para colocar plantas, oportunidade ótima para a sanga que espera impaciente. O Joãozinho escolhe a sanga por fim e com as suas duas metades faz com o pai um bonito vaso onde colocaram terra e plantas. O coco servia para as regar. A sanga ficou muito contente e o moringue, envergonhado, pediu-lhe desculpas.

O conto acaba por colocar uma questão moral: nunca se deve desprezar os mais fracos porque eles podem ser tão úteis como qualquer outro.

9. *Fábulas de Sanji*, António Jacinto

Os textos das *Fábulas de Sanji* são, quanto à narrativa, muito densos e com pouco ritmo. Os assuntos tratados e o tom utilizado convertem o livro, do nosso ponto de vista, em dificilmente atribuível à categoria de literatura infantil. Frente às demais obras da coletânea, esta contém muito mais texto, menos imagem e a narrativa está carregada de descrições extensas que chegam a ser filosóficas nalgum caso. O tom de dor e sofrimento é muito marcado.

O livro apresenta vários gêneros literários: fábula, conto, crónica, poesia e carta. Conforme o próprio autor comenta em entrevista (LABAN 1991), as *Fábulas* “em princípio eram o projeto de um conto tradicional escrito em linguagem literária trabalhada (...) uma busca de trazer para uma literatura moderna os contos tradicionais orais...”. Todos os textos são escritos antes da independência angolana, durante o período de luta, como se pode observar no fim de cada fábula onde a data é indicada.

As mensagens de resistência estão muito presentes e observa-se uma preocupação com a preservação dos elementos orais da tradição angolana. A estrutura social da época colonial é muito bem mostrada e o processo histórico angolano articula-se no conjunto dos episódios.

O livro é dedicado ao seu irmão Reinaldo Trindade Amaral Martins, morto em 1988. Nesta dedicatória mostra a dor que sente pelo seu falecimento e gaba a sua figura como médico, técnico, docente, militante e conquiologista.

A primeira fábula é a de “Dikolombolo e Ngandu”, escrita em 1970, e é localizada geograficamente na região de Golungo Alto, hoje província do Kwanza Norte. Trata-se da narração da contenda entre um galo (Dikolombolo) e um jacaré (Ngandu), figura importante no fabulário angolano que é descrito como “Ngandu das águas em que a valentia se lhe apontava para o aumento de seu renome, feiticeiro das margens, temor dos homens e dos bichos”. O primeiro envia em várias ocasiões, através de outros animais que viajam pelo rio e o mato, recado de congratulações ao jacaré em que o chama de “irmão”. Isto enfurece o réptil que se vê um ser superior a um galo, um animal pouco especial que não é temido, e faz retornar a mensagem com o recado de que se encontra aborrecido pelo seu atrevimento e que tem de se retratar, algo que o galo não faz e incluso volta a repetir o mesmo envio de congratulações mais vezes. O jacaré está muito furioso resolve levar o assunto a juízo. No tribunal, representado pelo seu advogado macaco, formula as acusações fundamentadas em muitas citações, notificações, códigos e testemunhas. O galo, sem representação legal, baseia a sua defesa unicamente no seu alegado que consiste em pedir ao jacaré que confirme se este nasceu de um ovo. Confirmado o facto, o galo dá-se por vencedor porque também nasceu de um ovo e, portanto, é irmão do jacaré como também sentenciam os animais da floresta que se encontravam em função de jurados e a onça, o juiz do processo.

Na atualização da fábula, o autor introduz aspetos da estrutura social da época colonial nesse povoado em concreto, é dizer, há uma contextualização geográfica mas também historiográfica.

A segunda história é “A festa de família de Xanga Oliveira (Crónica do antigamente no antanho)”, escrita em 1969. A personagem da história é o “bom e diligente velho Xanga”, um homem velho enfermo de reumatismo que trabalha de noite em uma fazenda de café guardando a fábrica e os armazém dos bandos de ladrões, e que pelo dia rega os viveiros retirando água do rio. O episódio gira arredor do seu desejo, quase obsessão, de ter umas botas de borracha, de cano alto como as dos pescadores, para não se molhar quando tem de apanhar a água do rio. O autor acentua o drama do Xanga explicitando que tinha trabalhado a vida toda com salários magros e ainda não pudera comprar essas botas. Este anseio que pode parecer trivial deixa entrever a estrutura social: não ter calçado era uma das marcas de inferiorização do colonizado, situação corrigível caso se assimilasse.

A estrutura social da época e certos costumes ficam bem retratados quando, nas vésperas de Natal, o Xanga vai para a residência do feitor da fazenda a pedir as “boas-festas”, uma prática comum em Angola até hoje. Ali aparece a senhora, D.^a “São”, uma mulher encaprichada com todas as espécies de pássaros que guardava em gaiolas e que o Xanga lhe caçava. D.^a “São” oferece-lhe uma camisa como a dos militares que era do feitor, o senhor Ferreira, e umas amêndoas. Ela trata o Xanga autenticamente como um menino. Por outro lado, o feitor distribui as “boas-festas” segundo as ordens que chegam do patrão em Luanda: *“um litro de vinho a cada homem e uma caneca de farinha torrada com açúcar mascavo para fazer boca, como quem diz, para aperitivo. Eram ordens do patrão e, quando ele viesse, a pagamentos, no fim do mês, que lhe pedissem mais. No “ano bom” haveria mais “boas-festas”, como habitualmente, bem magras”*.

Acabada a visita, foi trabalhar. Acendeu o fogo para passar a noite de vigília e bebeu vinho, enquanto ouvia o feitor e empregados na residência num jantar *“fora do normal”* com champanhe incluído. É neste momento que começa a recordar episódios da sua vida. Da infância recordou o muito que trabalhavam e lembrou o padre Saganha, *“o que primeiro lhe falara desse Jesus Cristo e do Natal dos brancos”*. A historiografia angolana aparece também nesta noite de vigília ao recordar a época em que foi soldado ao lado dos portugueses. Todas as lembranças deixam entrever cenas da Angola colonial. Na seguinte sequência recorda as mulheres que teve e os filhos (de quem não lembra todos os nomes nem caras) e as crenças populares aparecem: uma das suas mulheres tinha morto de feitiço, espumando pela boca: *“O doutor do Golungo falara em ataques epiléticos. Os brancos não sabem nada destes feitiços dos pretos”*.

Dos filhos diz que *“andam em Luanda, em Malanje, no Sul, na guerra nova das matas, sabe-se lá por onde”*, em referência a que estão na luta a combater pelo país, a dizer que a luta continua (recordemos que este relato é escrito em 1969).

Razoa sobre a figura de Jesus Cristo quando lembra o Padre Saganha que na infância quis que “ele fosse catequista, Ora ele nunca aprendera a ler”. Sobre Jesus, diz: *“Também os meninos dos patrões lhe contaram das prendas que o Menino Jesus punha nos sapatos dos meninos. Ele, então, já não era menino. Também ele e os irmãos nunca tiveram sapatos. E os filhos dele também não. E então o Menino Jesus poderia ter dado sapatos aos meninos como os dele? Bem, ele já tinha visto muitas fotografias do Menino Jesus. O menino Jesus era branco. Então não podia andar pelos matos a entrar nas casas de capim dos meninos pobres. Nem tempo teria, ainda que quisesse”*. Acaba a rememoração noturna pensando uma outra vez nas botas desejadas de borracha e prega a Deus por elas enquanto cai extenuado ao chão.

O retrato do colonizado e do colonizador é o mais característico deste relato, além dos costumes na Angola colonial. A crítica à situação dos colonizados e ao trato que dispensam os colonizadores é evidente.

O terceiro texto é “Chuva no terreiro”, escrito em 1970. Trata-se de uma descrição da luta contra um aguaceiro que está pronto a chegar numa fábrica de descasque de café e que é narrada por um dos trabalhadores. Nesta recriação observa-se a distribuição de trabalhos numa fábrica deste tipo e o fortíssimo ritmo que se têm de impor os trabalhadores para salvar o café da chuva. Finalmente, o temporal para mas o café fica todo molhado, *“muito trabalho para os futuros dias de sol”*.

O quarto escrito é “Comportamentos”, de 1960, o texto mais breve do livro (além do poema final), e foi escrito antes de estar em prisão, antes da luta de libertação. Parece apresentar uma sorte de ensino moral que anima a lutar e a não ter medo para conseguir a vitória. A história centra-se no personagem de Bernardino, chefe da estação de comboio, qualificado como rabugento e titânico. Do ponto de vista de uma lembrança infantil, Bernardino tinha as “melhores pitangas de todo o Golungo”. Para o narrador havia dois tipos de crianças: os valentes que saltavam a cerca e colhiam as melhores pitangas, isto é, os que não tinham medo; e os que tinham medo do velho, que nunca saltavam a cerca e esperavam a que caíssem verdes fora, sem lutar.

A quinta história é a de “Zeca: o parálítico do Golungo” (escrito em 1969). É uma rememoração do tempo infantil em que o narrador, quando menino, recorda que se reunia numa confeitaria com outros meninos brancos do bairro, *“como em família”*, e que recebiam a visita habitual dum outro menino negro doente de poliomielite. Recorda a situação: Zeca, o menino negro, arrastava-se pelas ruas, pedia esmolas e bebia os restos das garrafas que se encontravam nas mesas da confeitaria. Ao fim da tarde ia falar com os meninos brancos para comer as sobras da merenda. Eles recebiam-no com pena, pela sua situação, mas também com raiva, por causa de que era explorado pela mãe, que utilizava o dinheiro que ele conseguia para ir beber com homens. Contudo, ele adorava a sua mãe. O narrador admite o seu remorso porque nem ele nem os seus amigos intentaram entender de verdade o Zeca.

Em “A primeira sinfonia” (escrito em 1968) estamos perante a exposição do que uns homens sentem quando deixam o carro num lado do rio Calucala para cruzá-lo e adentrar-se no mais profundo da floresta. Pelo conteúdo, entendemos que estes homens estão a participar na colonização de Angola e na espoliação das suas matérias primas. Um desses homens é a voz, quase lírica, que descreve com uma visão panteísta a *“sensualidade de um paraíso há muito perdido na memória da espécie”*. Toda a beleza o que os rodeia, que contrapõe com a pequenez e fraqueza humana, faz com que emudeçam. Este sentimento vai contrapor-se à consciência de que, em pouco tempo, a mão do homem com camiões, guindastes e serras ia *“vencer o inferno verde da floresta”*.

“Tempo e memória” (escrito em 1969) é, como o anterior, basicamente uma descrição do cacimbo, o tempo da seca, e da estação de chuvas. Esta descrição é articulada pelo contato que tem um menino com a natureza que o rodeia. Quase não há narrativa, exceto pensamentos pontuais do “descriptor”, da sua época de criança.

Finalmente, o último texto do livro é o poema “Gabriela”, escrito em 1972. É o único poema, em sentido estrito, de toda a coleção. Nele, o eu poético fala com tristeza da partida de uma menina de Cambondo que foi procurar mas que não encontrou.

10. *O círculo de Giz de Bombô*, Henrique Guerra

Os personagens principais são a lavadeira, mulher presente em todas as cenas como testemunha e guia, e que se dirige ao público com frequência para perguntar se o que estão a fazer as personagens é ou não correto; Lili, uma menina de boa família; Rita, uma outra menina que mora numa casa pobre; e um velho camponês, que será quem resolva o problema que se apresenta.

Esta obra é a única da coletânea que pertence ao género dramático e, na época, a única obra de teatro com um público alvo infantil. Como explica o autor ao começo, a obra é uma leitura de uma adaptação que Alfonso Sastre tinha feito de *O Círculo de Giz Caucasiano*, de Bertold Brecht, originalmente escrita em 1944. Como a obra mãe, esta que se apresenta aborda também questões relacionadas com a liberdade e a propriedade, e está adaptada a crianças e à realidade de Angola. Trata-se de uma lição sobre a propriedade comunitária de uma ótica socialista.

Como na peça de Brecht, na obra aparece um narrador, presente em todo o texto, e um coro (de pioneiros) na sua função clássica de representação da opinião pública.

Partindo de uma situação universal, Guerra insere a parábola da justiça salomônica no contexto da realidade angolana em 4 atos. Os personagens principais são a lavadeira, mulher presente em todas as cenas como testemunha e guia, e que se dirige ao público com frequência para perguntar se o que estão a fazer as personagens é ou não correto; Lili, uma menina de boa família; Rita, uma outra menina que mora numa casa pobre; e um velho camponês, que será quem resolva o problema que se apresenta.

A lavadeira observa como Lili arrastra uma boneca e pergunta-lhe por que o faz. Ela responde que a boneca é da festa das crianças do seu bairro e que a guarda até o dia da festa porque vive numa boa casa, segura, esclarecendo que a escola não é lugar seguro porque “os inimigos do povo acostumam a assaltar as escolas”. A lavadeira reprocha-lhe o trato que lhe dá, mas ela afirma “Oh, não faz mal. Estamos no Socialismo. Isto é do povo, deixa estragar.” É a primeira vez que no conjunto das obras aparece o termo “socialismo” diretamente. Rita aparece por um lado cantando “Nós, as criancinhas de todo o mundo, vamo-nos unir...” e não acredita quando olha a boneca tão estragada tirada no chão. Apanha-a e canta-lhe.

Na segunda parte entram cinco pioneiros, um deles com desejo de ser médico algum dia, e Rita pede-lhe para que arranje a boneca. Ela quer vaciná-la, penteá-la e vesti-la com roupa nova. Nesse momento ouve-se a voz da mãe de Lili a perguntar pela boneca: se não aparece, a menina vai “*apanhar uma tareia*”. Aqui, uma outra vez, aparece o castigo físico por parte dos pais aos filhos, como se passava em “Ukonga ua tate. O presente para o pai”.

Na terceira parte da obra, Lili entra em cena preocupada na procura da boneca e olha a Rita acariciando-a. As duas meninas discutem e a lavadeira tem de as separar. Nesse momento chega um ancião camponês que vai resolver a disputa. Este pede testemunha para cada uma e, enquanto Rita diz que a sua testemunha é o seu coração, Lili chama por um senhor cantineiro amigo de seu pai, muito bem vestido, que diz que foi ele quem trouxe a boneca de Lisboa para o pai da menina. Este homem mostra uma personagem interessante no contexto angolano, o *kazukuteiro*, um dos representantes da corrupção angolana. Este explica que não é cantineiro, que se dedica a conseguir as coisas que lhe pedem as suas amigas para as vender e que quando faz “*requisições para o meu ministério, faço também para as minhas amigas quitadeiras, porque o povo precisa de ser servido*”. O camponês, enfadado com o tipo de homem que tem diante, não o admite como testemunha porque não é uma pessoa confiável (“*Ahn! Vucê és um kazukuteiro, num é? Serve-te das dificuldades do povo*”).

para arranjar dinheiro, num é? Não, não, esta testemunha num presta. Pode i'mbora"). Ele sai da cena dizendo: "Não, não! Eu só arranjo umas coisitas para as minhas amigas quitadeiras só para servir o bolso, ... ahn, ... , quer dizer, para servir o povo".

As meninas continuam a discutir e o camponês resolve arranjar o assunto mediante um círculo de bombô. Explica o lavrador o motivo pelo que utiliza o bombô: no tempo da guerra contra os colonos, na sua região, os professores não tinham giz para ensinar às crianças, então escreviam no quadro com um pedaço de bombô. E acrescenta: *"É assim mesmo, camaradas. Quando nos falta um produto do comércio, a gente não deve ficar com os braços parados e deixar cair a produção. A gente deve pensar na nossa cabeça e arranjar outra coisa para continuar a ir para a frente"*. Esboça o círculo e pede para a lavadeira colocar ali a boneca.

Fecha-se o pano e aparece o coro de pioneiros que conta a história de Salomão. Como na história original, Rita renuncia à boneca porque Lili a tem agarrada por um braço e não a quer romper, mas o camponês dá por vencedora a Rita. Num momento em que o camponês precisa ajuda para levantar a sua carga, Rita pousa a boneca no chão e vai-o ajudar, momento em que Lili rouba a boneca e é acusada de *zazukuteira* pelo camponês, que a manda calar e invita a Rita a passar as férias no campo, na comuna.

A obra acaba com os protagonistas saindo da cena, ainda a discutir, e com o coro de pioneiros de mãos dadas dirigindo-se ao público:

*A fábrica é confiada aos operários
Que a põem ao serviço da nação!
Angola pertence aos angolanos
Que nela trabalham com amor
E a defendem de armas na mão!*

A última em se dirigir ao público é a lavadeira, que pergunta quem acham que deve ficar com a boneca.

A ensinância moral nesta peça é marcada pela máxima "a terra, para quem a trabalha", própria do ideário socialista. O autor ensina que o egoísmo não é produtivo e que cuidar dos bens que são de todos dá os seus frutos.

Em relação ao teatro angolano, é interessante indicar que, com a independência, muda completamente a sua feição. A dramaturgia tradicional, em geral, estava ligada a rituais religiosos e aos costumes ancestrais. Antes da independência, o teatro em Angola tinha apenas dois autores: Orlando de Albuquerque (*Ovibanda* e *O filho de Zambi*, 1974) e Domingos Van Dúnen (*Auto de Natal*, 1972). Com a independência a situação altera-se e aparecem várias iniciativas, umas de teatro enraizado na tradição africana e outras mais transformadoras. Nesta segunda linha estaria colocado Henrique Guerra com esta peça, junto com poetas e ficcionistas como Pepetela (*A corda*, 1978; *A revolta dos ídolos*, 1980), Costa Andrade (*No velho ninguém toca*, 1979) ou Manuel dos Santos Lima (*A pele do diabo*, 1977). Guerra comparte com estes autores o facto de explorar os temas com mensagem marxista, de materializar os objetivos da revolução e a intenção de reescrever a tradição e a cultura angolanas. Igual que os demais, o reconhecimento do poder decisório do povo é feita através da parábola, forma universal na essência cultural dos povos.

11. A Viagem das Folhas do Caderno, Maria João

Junto com Lutchila, esta história é das mais breves da coleção e já tinha sido publicada na coletânea *Sonhos bordados*, 2003. O personagem é um caderno decorado muito bonito que tinha uma vida monótona num armário porque ninguém o queria levar à escola. Lamenta-se de que olhavam muito as suas folhas pela sua beleza, mas que o deixavam ficar sempre sozinho. Um dia, uma menina levou-o na sua pasta mas em vários dias não o tirou dali nem lhe prestava atenção, assim que resolveu fugir. Durante a fuga o vento fez com que as suas folhas se espalhassem. Uma outra menina recolheu um monte de páginas e colocou-lhes uma capa nova. Não acreditava em que alguém deixasse fugir algo tão bonito e o caderno contou-lhe a sua história. A menina, pela sua parte, explicou-lhe o que tinha pensado fazer com ele: além da capa nova, ia recortá-lo para decorar outros cadernos e para fazer vestidos à sua boneca de papel. A autora deixa o final aberto a outras aventuras: *“E assim deixei de ser caderno e passei a vestir uma boneca muito linda. Um dia a minha boneca foi à festa de uma amiga, depois vos contarei...”*.

A preocupação didática apresentada é a necessidade de cuidar das nossas possessões, embora sejam poucas, além do tema da reutilização, ligado ao mundo da ecologia e habitual nas temáticas da literatura infantil angolana.